Projeto: Construindo um Judiciário Responsivo: Projeto CAPES (CNJ)
Entrevistado: Vantuil Abdala
Entrevistadores: Tânia Rangel e Christiane Jalles de Paula
Data da entrevista: 31 de outubro de 2012
Local: Brasília - DF - Brasil
Transcrição: Lia Carneiro da Cunha
Conferência de fidelidade: Leonardo Sato
Revisão: Maria Elisa Rodrigues Moreira

Christiane Jalles - Inicialmente gostaríamos de agradecer a entrevista que o senhor está nos concedendo sobre a história do CNJ. O senhor poderia iniciar falando de seu pai?

Vantuil Abdala - Meu pai foi sempre um homem ligado à terra, cuidando de agricultura e de gado…

Christiane Jalles - Qual é o nome de seu pai?

Vantuil Abdala - É Jamyro com y [soletrando] Abdala, com um ele só. De lado de meu pai, ele é filho de libaneses.

Christiane Jalles - É isso que eu ia perguntar, sírio ou libanês. [riso]

Vantuil Abdala - Ele nasceu no Brasil, mas o meu avô e minha avó, pais dele, eram libaneses. E do lado de minha mãe, a minha mãe chama-se Maria do Rosário Abdala, Maria do Rosário Evangelista Abdala. Vê-se, pelo nome, que era brasileira nata. Com esse nome devia ser descendente de índio, lá pelas descendências mais antigas. Nascido lá, passei toda minha infância lá. Como todo menino de interior, fazendo de tudo, praticando todos os esportes, e participando da banda, participando da fanfarra e participando de tudo para preencher o tempo ali. E participando de todas as atividades de colégio, de grêmio, e… me foi muito rica esta formação. E fiz até o terceiro clássico. O chamado curso secundário se subdividia em curso clássico e científico, se podia optar, e optei pelo curso clássico. Terminado o curso clássico, o que era muito pouco comum mas alguns amigos mais próximos iam fazer o vestibular em Belo Horizonte. Naquela época, para ir para Belo Horizonte ia-se até Alfenas, que é uma cidade próxima, pernoitava em Alfenas, tomava o outro ônibus de manhã e chegava-se só à noite. Quer dizer, gastavam-se dois dias para chegar a Belo Horizonte. E dos quatro que fomos, um ia fazer Engenharia, outro, Medicina, os outros não passaram e fiquei sozinho. Passei no vestibular e retornei… Isto foi no início de 1964.

Christiane Jalles - O senhor passou no vestibular para Direito?

Vantuil Abdala - Para Direito. Na Universidade Federal de Minas Gerais.

Christiane Jalles - Por que o senhor escolheu direito?

Vantuil Abdala - Olha. Essas coisas são muito difíceis de definir. Mas eu já tinha sempre uma tendência de saber o que… de dar a cada um o que é seu. Essa questão do justo, de poder definir, ou seja, de que fosse respeitado o direito de cada um. Acho que desde pequeno tive esta preocupação ou esse gosto.

Tânia Rangel - Tinha alguém na família ou alguém bem próximo do senhor?

Vantuil Abdala - Ninguém. Nada, nada, nada. Não tive nenhuma influência de ninguém, nem de meus pais, que não tinham estudos de curso superior, e nem de outros. E sempre gostei muito de português. Logo que terminei o curso, antes que fosse fazer o vestibular… Que eu ia fazer o vestibular no final do ano, porque… Melhor. Ia fazer um cursinho de três meses, que era um cursinho que se fazia, em dezembro, janeiro e fevereiro. O vestibular era no final de fevereiro naquela época. Então, enquanto não chegava esta época, o professor de português ia se ausentar e me convidou para dar aula no lugar dele porque no interior não tinha mais ninguém, eu era o único que tinha terminado já o curso secundário e que estava lá, disponível, não é. E então o professor ia se ausentar e me convidou. E relutei. Mas ele insistiu, disse que eu teria condição. E fui dar aula para os meus amigos, que jogavam basquete comigo, que estavam terminando, também, o curso secundário. Então era muito engraçado, porque… Mas em função disso, tive que estudar muito mais, embora já gostasse muito de português, mas tive que estudar muito mais, literatura e tal, para pelo menos não passar muita vergonha frente aos colegas. [risos] E isso me serviu muito. Achei que foi muito bom eu ter que me aprofundar naquilo forçadamente. E talvez, também, tenha optado um pouco pelo português[1] exatamente por ter um melhor domínio do vernáculo, melhor domínio da língua, o estudo de literatura. Depois, quando a gente estuda literatura, a gente vê que quase todos os grandes poetas e os escritores, naquela época, eram bacharéis. Era moda ir para Coimbra e fazer o curso jurídico. Então isso talvez tenha me influenciado. Eu achava que… que bonito aquilo! Eu achava que talvez, se fizesse Direito, eu ia me tornar um grande poeta, um grande escritor. [risos]

Tânia Rangel - E o senhor escreve?

---

[1] O entrevistado se refere à opção pelo curso de Direito.

Vantuil Abdala - Não. Escrevo muito artigos doutrinários jurídicos. Muitas vezes você tem que escrever alguma outra coisa, não jurídica, mas não tenho nenhuma obra publicada, seja poesia, seja romance. Embora, naturalmente, isso é um gosto que não muda, até hoje gosto da língua, gosto de apreciar o estilo dos escritores. Mas…

Christiane Jalles - O senhor…

Vantuil Abdala - Sim.

Christiane Jalles - Não. Desculpe. Pode continuar.

Vantuil Abdala - Então passei no vestibular. E é uma passagem que me marcou muito: que o meu primeiro dia de aula seria o primeiro de abril de 1964.

Christiane Jalles - Nossa!

Tânia Rangel - Olha!

Vantuil Abdala - E eu havia viajado a noite inteira e cheguei à noite e não estava sabendo de nada que estava acontecendo. Chegou no outro dia, coloquei os livrinhos debaixo, muito garboso, muito orgulhoso, numa pensão que era ali perto, e fui para a faculdade, pertinho, caminhando a pé. E não conhecia ninguém. Saí do interior. Quando cheguei lá, olhei assim… a faculdade toda cercada de soldados com fuzis, com baionetas. Achei aquilo estranho. Olhei um pouco assim, cheguei perto de um soldado e falei: "Não vai ter aula hoje?" [risos] "Sai fora!" [risos] Me apontando a baioneta, disse: "Sai fora!" [rindo] Tudo bem. Aí que fiquei sabendo que havia estourado o golpe de Estado. E a primeira coisa que eles fizeram em Belo Horizonte foi cercar a faculdade, onde era o foco das manifestações, da resistência. E ficaram uns quinze dias, sem ter aula, cercada a faculdade. Quer dizer, os meus primeiros dias de aulas não aconteceram.

Christiane Jalles - E como é que foi? Assim, tenho duas perguntas para o senhor. Uma, para o senhor continuar por aí. Mas a primeira, um pouco antes, que era a minha anterior. O senhor foi o primeiro da sua família a chegar a um curso superior?

Vantuil Abdala - Não. Entre os meus irmãos, tenho dois irmãos mais velhos, um já tinha feito Educação Física em São Carlos, o outro tinha feito Odontologia em Uberaba. Quer dizer, ambos já tinham feito o curso…

Christiane Jalles - O senhor é o caçula, então.

Vantuil Abdala - Sou o caçula. Antes, ambos já haviam feito curso superior. Agora, do outro lado, da minha mãe, como eles eram, digamos, puramente agricultores, homens de campo mesmo, nenhum deles tinha o curso superior. Vamos dizer, quem fez um curso superior de cinco anos pela primeira vez fui eu. Porque dentista, naquela época, eram três anos. Hoje são quatro. Naquela época eram três. Educação física eram três anos. Não é? E a outra pergunta?

Christiane Jalles - A outra pergunta: e esses primeiros quinze dias do golpe de Estado, como é que foram? Como é que o senhor vivenciou isso?

Vantuil Abdala - Olha. Eu não chegava muito, ainda, a entender a natureza do golpe de Estado, e fiquei estupefato com aquilo, porque… O que é que estava acontecendo no país? Eu, antes, não tinha vivido nenhuma situação nem aproximada com aquela, principalmente vindo do interior. E logo nos primeiros dias houve o que se chamava a "cadeia da legalidade", com [Leonel de Moura] Brizola, vindo do Sul, ainda tentando uma reação. De maneira que uns três, quatro, cinco dias, ainda ficou aquela expectativa, ou seja, o golpe de Estado ia prevalecer ou não. E…

Tânia Rangel - O pessoal comentava alguma coisa? Porque imagino também que, ao mesmo tempo que há essa instabilidade, todo mundo querendo saber, também há o medo de comentar, o que é que vai acontecer.

Vantuil Abdala - Sim. Não. Sem dúvida. Digamos, aqueles, principalmente estudantes, os militantes mais de esquerda, mais favoráveis àquele movimento sindical e do João [Belchior Marques] Goulart, esse pessoal desapareceu, até porque eles estavam prendendo muita gente.

Christiane Jalles - Alguém foi preso na sua pensão? Tinha algum estudante? Imagino que devia ser uma pensão com muitos estudantes…

Vantuil Abdala - Não. Não. Nessa pensão não. Na outra, depois, que morei, eu vou contar, aí sim, morei com uma turma que era [riso] da pesada. Nesse momento, não. E nesse momento passei mais

a dialogar com outras pessoas que, tal como eu, vinham de fora e que, então, não tinham nada para fazer ali, que ficavam olhando um pouco de longe, ali na faculdade. Então nós passamos a comentar o que é que seria aquilo, o que é que estava acontecendo. Até porque, vamos dizer, a mídia era toda elogiosa ao golpe de Estado, porque a mídia já estava na mão dos militares. Então se dizia que tinha por objetivo… Não se falava muito em comunistas. Mas se falava na questão da honestidade, da ética, de evitar a balbúrdia, a desorganização. Quer dizer, o discurso…

Christiane Jalles - O crescimento do país.

Vantuil Abdala - Pois é. O discurso era nesse sentido. Mas se falava já, também, nesse bolo, nessa questão, que havia correntes políticas que tinham outras ideologias que eram prejudiciais aos nossos princípios de democracia. E de resto nós vimos que não era nada disso. Mas… E sempre tentava jogar um pouco das… das questões religiosas, para puxar mais, principalmente o pessoal mais leigo, a classe média, dizendo que essas outras ideologias eram pagãs e queriam impor isto ao país. Então, naqueles primeiros momentos, aquilo ficou tudo um pouco obscuro para nós. Porque foi uma surpresa, de um modo geral, ninguém imaginava que ia haver um golpe de Estado. E logo depois, passado um mês, dois, fomos entender que aquilo que eles, militares, chamavam de revolução era, na verdade, um golpe de Estado. Era, na realidade, retirar determinado grupo do poder para substituir por outro.

Tânia Rangel - E como foram os primeiros dias de aula?

Vantuil Abdala - Depois de uns dias, as aulas voltaram ao normal, embora todo mundo meio ressabiado, assim. E foi interessante, porque o nosso… Chamava-se DA, era o Diretório Acadêmico, que era o órgão, digamos, político dos alunos, e o DA ficou sob intervenção os anos todos. E nós criamos no nosso primeiro ano, que tinha uma turma muito boa… Tive muita sorte com meus colegas, porque boa parte vinha do Colégio Estadual de Belo Horizonte, que era o melhor colégio que tinha em Minas Gerais, talvez um dos melhores do Brasil. Era o Colégio Estadual de Belo Horizonte. Tinha professores excelentes. Então esse pessoal era muito mais bem informado, muito mais culto do que eu, e passei logo a conviver com esse pessoal.

Christiane Jalles - Alguns nomes desse grupo, que o senhor…

Vantuil Abdala - Olha. O que mais me lembro, e vou falar sobre ele depois, é o José Carlos [Novaes] da Mata Machado. Já ouviu falar, não é?

Christiane Jalles - Sim.

Vantuil Abdala - Pois é. E o Eduardo Simbalista, que foi diretor da Globo, de jornalismo, da Globo. Hoje, acho que ele está em São José dos Campos. O Ronaldo Janoti, que foi um tributarista excelente. Depois, ele teve um AVC[2] e… Ciro [Flávio] Bandeira de Mello, que é historiador que tem o livro… Ele faleceu já, há uns dois anos. Mas recentemente, ou pouco tempo antes de morrer, ele escreveu um livro e me mandou o livro dele. O José Antonino Baía Borges, que é o vice-presidente do Tribunal de Justiça de Minas, hoje.

Tânia Rangel - E havia alguma mulher na turma?

Vantuil Abdala - Havia. Havia poucas. A turma era grande. Havia poucas. Aconteceu também um fato muito interessante e que… A cidade de Pouso Alegre havia fundado há pouco tempo um curso de Direito, uma faculdade de Direito. Que… chegava, pagava a matrícula e passava. E os órgãos de segurança passaram a mandar para lá os seus membros para fazer o vestibular, iniciar o curso e se remover para a Universidade Federal de Belo Horizonte. Boa parte deles eram espiões. Então nós pegamos, assim, uma aversão terrível ao que nós chamávamos paraquedistas. Então, como o DA estava fechado, nós criamos um grêmio, sob as vestes do que seria um grêmio festivo estudantil…

Christiane Jalles - Recreativo.

Vantuil Abdala - Recreativo. Chamado Grêmio dos Alunos da Turma de 64. Mas na realidade ele era um órgão de aglutinação do pessoal para os movimentos políticos universitários. Então, em torno dele, reunia-se a AP[3], o PC[4], a JUC[5]. Porque quando se tem um inimigo comum, as várias alas se unem. Então as várias alas se uniram ali, em torno daquele… Embora o grêmio fosse só da nossa turma, reunia todo mundo dos outros anos. Não é? O ministro [José] Francisco Rezek, que era nosso contemporâneo, o ministro Nilson Naves, que foi presidente do STJ[6], se aposentou há pouco tempo. Esse grêmio, então, marcou época, fez história na Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais. No quinto ano fui o presidente do grêmio. Fui o último presidente desse grêmio, que organizou muito as passeatas…

---

[2] Acidente vascular cerebral.
[3] Ação Popular.
[4] Partido Comunista.
[5] Juventude Universitária Católica.
[6] Superior Tribunal de Justiça.

Christiane Jalles - É isso que eu ia falar. O quinto ano foi em [19]68, [19]69!

Vantuil Abdala - Foi. Pois é. Organizou muito aquelas batalhas de rua. Quantas vezes nós ficamos presos lá em cima. Havia um pátio em cima, enorme, que a gente enxergava lá embaixo. Então, a gente fazia passeata, ali é muito perto do centro da cidade, e quando a polícia vinha todo mundo corria para a faculdade. Inclusive alunos de outras faculdades. E nós ficávamos presos lá em cima. Quer dizer, houve vezes em que nós passamos dois dias seguidos lá, sem alimento, com a polícia cercando. Depois o Alberto Deodato [Maia Barreto], que era o diretor da faculdade, que é o autor daquele livro *Políticos e Outros Bichos*, que era da velha UDN[7], uma velha raposa, muito esperto, tinha sido deputado federal. Então ia lá o Alberto Deodato e negociava com o general: "Vamos deixar os meninos sair…" "Ah, sim." "Olha. Então vai sair um por um, sob a sua responsabilidade". [riso] Aí o Deodato ia lá, nós saíamos um por um e íamos para casa, e acabava o cerco. Ou seja, nunca houve assim uma coisa… Mas vários colegas, nesse interregno, foram presos. E nós continuamos aquelas manifestações. De um modo geral, as nossas manifestações eram de cunho democrático, eram contra a ditadura, eram a favor da democracia. Não era muito de cunho de esquerda radical, comunista. Até porque os comunistas, mesmo, eram um número menor. Havia a AP, que tinha lá uma conotação de esquerda, havia a JUC, que era lá da universidade católica, a juventude católica. É lógico, todo mundo, principalmente o jovem, ele tem uma preocupação social mesmo. Não era só preocupação democrática. E esse grêmio, então, levou esses anos todos com essas manifestações. Fazíamos palestras, fazíamos discurso, fazíamos eleições e tudo. Chegando ao quinto ano, o paraninfo nosso foi Edgar Godoy da Mata Machado, o pai do José Carlos da Mata Machado, que era um homem… nunca se pode falar comunista, porque ele era um católico, mas…

Tânia Rangel - De esquerda.

Vantuil Abdala - …de grande preocupação social. Pode chamar-se hoje de esquerda. Essa nomenclatura é um pouco indefinida. Pode se dizer um homem de esquerda, de grande preocupação social.

Christiane Jalles - O senhor simpatizava com alguma dessas correntes? Com a JUC?

Vantuil Abdala - Eu simpatizava mais com a AP. Não sei, porque a turma era mais minha amiga…

[7] União Democrática Nacional.

Christiane Jalles - Mas o senhor era da AP? Ou não? O senhor chegou a frequentar as reuniões da AP?

Vantuil Abdala - Olha. Como eu vivia… Aliás, é a parte que até me esqueci de dizer. Como eu vivia muito com esse povo, uma turma achava que eu era do PC, outra achava que eu era do PC do B[8], outra, que era da AP. [risos] Então… Da JUC, nunca ninguém achou, não. Mas é que depois, logo no segundo ano, morei, passei a morar numa república que chamava O Condado. O Condado tinha escrito, logo na porta, assim: "Não entre sem abrir a porta". E lá morava o José Afonso da Silva, que era o presidente do DA da Faculdade de Direito. Morava lá o Paulo Habib [Nascif], médico hoje, excelente médico em Belo Horizonte, era o presidente do DCE[9]. E morava um que nem me lembro… Elvécio, o nome dele era Elvécio, apelido de Santo Agostinho, que fazia Ciência Política na… o curso dele era Ciência Política. Ele era o teórico. Com um oculozinho assim… sabe? Era o político teórico. Ou seja, morava uma turma da pesada. Então, cada vez que estourava um movimento político, eles baixavam lá e prendiam todo mundo. Eu já tinha um colega que morava na casa ao lado…

Tânia Rangel - O senhor já chegou a ser preso, ou não?

Vantuil Abdala - Não, porque eu tinha um colega, muito amigo, Aroldo Plínio [Gonçalves], que foi… O Aroldo Plínio foi professor da faculdade em três cadeiras. Foi a pessoa mais inteligente que conheci na vida em termos jurídicos. E o Aroldo Plínio morava do lado, com a família de gente de… latifundiários. Então era gente insuspeita em termos políticos. E tinha uma janela que se comunicava. Como o Aroldo era muito meu amigo, quando a coisa apertava eu pulava a janela, ia para a casa do Aroldo Plínio. De modo que nunca fui preso. Aquela turma minha foi presa várias vezes. E uma vez o Aluísio Pimenta, que era o reitor, muito amigo nosso… Aliás, amigos dos alunos e amigo nosso, mesmo, não é? A gente fazia uma brincadeira, que o sujeito botava uma lata em cima da porta, cheia de água, e quando a pessoa chegava, empurrava a porta, e a lata de água… E o Aluísio Pimenta foi lá nos avisar que a polícia estava atrás de nós. [risos] Quando ele abriu a porta tomou aquele banho. Todo mundo enxugando. [risos] "Magnífico…" Mas ele era tão gente boa que brincou: "Não. Isso é coisa de aluno, mesmo. Eu vim avisar que a polícia vem atrás de vocês." E todo mundo desaparecia. O convívio com esse pessoal altamente politizado, altamente participativo, me abriu muito as portas de uma visão… O que me levou, aliás, a ser eleito o presidente do grêmio no quinto ano. Então isso tudo foi muito bom. Tive uma visão política muito

[8] Partido Comunista do Brasil.
[9] Diretório Central dos Estudantes.

boa, e o contato com esse pessoal todo. E no quinto ano nós resolvemos fazer uma formatura separada da formatura dos paraquedistas. Porque a essa altura já havia 130 paraquedistas. Porque eles foram vindo…

Christiane Jalles - Nossa!

Vantuil Abdala - Eles foram vindo, é. E nós tínhamos…

Tânia Rangel - E eles frequentavam as aulas, tudo?

Vantuil Abdala - Muito pouco. Eram péssimos alunos. Eram semianalfabetos. Porque eles estavam ali com outro objetivo. Pelo menos a grande maioria deles tinha outro objetivo. Então estávamos muito desconfiados, sempre olhávamos aquele pessoal… Então nós resolvemos, falamos: "Não, esse pessoal não está aqui por que merece, não fez vestibular. Vamos fazer uma formatura em separado." Pela primeira vez na história a faculdade teve duas formaturas. Uma dos paraquedistas, outra dos não paraquedistas. O pior é que a formatura deles é que foi oficial. Porque o diretor nos chamou, falou: "Não posso. É vocês que não estão querendo ir na formatura." "Está bom. Então vamos fazer uma formatura nossa." Com o Edgar como paraninfo, com o Rui de Souza, que era outro comunistão, homenageado. E o padre… Olha. Na minha formatura, era para não valer, porque o reitor, o Aluísio Pimenta, foi aposentado compulsoriamente, o diretor, que era Lourival Viana [da Silva] Filho, foi aposentado compulsoriamente, o Edgar da Mata Machado foi aposentado compulsoriamente, que era o orador, e o patrono, que era o Rui de Souza, foi aposentado compulsoriamente. Quer dizer, todo mundo foi… Então nós fizemos duas formaturas em separado. E quando estávamos… a esta época da formatura, chegou a notícia de que o José Carlos da Mata Machado tinha sido… o filho do nosso paraninfo, tinha sido assassinado em Pernambuco. Ele estava em São Paulo, já tinha um filho, já tinha se casado com uma moça que era militante também, e por esforço do pai, então… E naquela época já se convencia que aquele sonho de uma tomada à força do poder era uma utopia, era apenas um sonho. Que haveria que se continuar na luta, mas de uma outra forma, não através da luta armada. E eles estavam voltando para casa, a pedido do pai, da mãe, para afastar-se da luta armada.

Christiane Jalles - É. Porque é o momento, na verdade, em que as organizações de esquerda estão começando a rachar, a cindir, por conta das opções. O Partidão[10] falando: "Não vamos para a luta

[10] Refere-se aqui ao Partido Comunista Brasileiro – PCB.

armada", mas a AP está indo para a luta armada, POLOP[11] está toda… Tem um grupo… PC do B, não é? Tem esse grupo todo abraçando que o caminho é a revolução armada no campo.

Vantuil Abdala - É. No campo. Pois é. E ele estava voltando para casa, e há uma versão que diz, um dia talvez isso venha a público, que diz que quem teria denunciado seria o cunhado dele. Ele estava voltando com a esposa e a criança, o filhinho. Quando chegou naquele primeiro posto policial de São Paulo, quando você pega a Anhanguera, logo ali, a uns 20 quilômetros, há um posto policial, eles o prenderam e levaram para Pernambuco. Ninguém sabia para aonde ele tinha ido. Levaram para Pernambuco. Passado cerca de um mês, mais ou menos, simularam uma fuga, uma tentativa de fuga e um tiroteio numa praça, e ele foi assassinado nesta praça. E o pai não conseguia o corpo, não conseguia enterrar o corpo. Só depois de uns dois meses, com a intervenção do dom Serafim [Fernandes de Araújo], que era um bispo muito tradicional de Belo Horizonte… Porque naturalmente as forças militares… precisavam do apoio do clero e… e então se negociou, e ele conseguiu trazer o filho e enterrar. Então eu disse: "Engraçado, uma das primeiras aulas, quando o Edgar foi dar o Direito Natural, ele contava o episódio de Antígona, de Sófocles, que ela fala para… Que havia um edito do rei que proibia que se enterrassem aqueles que tivessem sido condenados. E o irmão dela tinha sido condenado e ela não podia enterrar. E ela vai ao rei." E o rei: "Mas você não conhece o edito?" Disse: "Conheço. Conheço. Mas não há lei que supere o meu direito de enterrar o meu irmão." "Enterra." E o Edgar sofreu isso. Depois de dois meses, ele conseguiu.

Christiane Jalles - E a formatura foi feita em que momento? Após o conhecimento, após o enterro?

Vantuil Abdala - A formatura nossa foi dia 12 de dezembro, e o Ato Institucional número 5[12]…

Christiane Jalles - 12 de dezembro?! No dia seguinte.

Vantuil Abdala - É. Foi no dia seguinte. Foi o momento que endureceu mais ainda, com o Ato Institucional. Com esse Ato foram cassadas inúmeras pessoas, inclusive o Edgar. O Edgar, o Aluísio Pimenta, que era o reitor, o Lourival Viana. Aquela época foi assim de… de balaiada mesmo. Foi uma…

Christiane Jalles - O senhor chegou a ser chamado para prestar depoimento? Porque, afinal, o senhor tinha militância, o senhor tinha sido presidente do grêmio.

---

[11] Organização Revolucionária Marxista Política Operária.
[12] AI-5.

Vantuil Abdala - Três ou quatro vezes fui convidado… Não. Depois que saí, não. Porque nessa época eu já estava formando e saindo. Três ou quatro vezes fui ouvido, às vezes, na própria faculdade, que não dava para levar tanta gente, eles montavam lá e diziam: "O que o senhor faz?" [riso] As perguntas eram as mais idiotas possíveis. "O senhor conhece alguém aqui que é comunista?" "Pelo contrário!" [riso] Então eram essas as perguntas. Eram as mais idiotas. Mas fui ouvido umas três ou quatro vezes. Eles montavam essa linha lá, assim, não é. E eles já sabiam, eles tinham cronografia, etc. Depois, num concurso, tive uma certa dificuldade. Porque num jornalzinho interno, eu havia escrito que, depois de [19]64, a lei civil havia sido substituída pela lei fuzil. Então fiz um concurso público e eles me mostraram. "Não, não tem nada, não." "Mas por que o senhor escreveu isso aqui, lei civil foi substituída pela lei fuzil?" [riso] "Força de expressão, general." Força de expressão. Não houve consequência maior. E fiquei fazendo o doutorado por mais um ano…

Tânia Rangel - É. A gente viu na pesquisa sobre a biografia do senhor que, junto com Direito, o senhor fez também Filosofia.

Vantuil Abdala - Não. Eu não fiz Filosofia. Aquilo ali é mal interpretado. Tenho o licenciamento da Universidade Federal de Minas Gerais para lecionar português. Porque naquele período que passei a dar aula havia uns cursos, chamado curso do Cades. Pela ausência de professores, principalmente no interior, a Universidade Federal de Minas Gerais fazia um curso e um concurso, e os que fossem aprovados, embora não tivessem feito o curso de Pedagogia, eram autorizados a dar aula onde não havia professor titular formado para aquela matéria. Então fiz esse curso. Era um curso, espécie assim de uns três meses. E depois vinham os professores de Belo Horizonte e… isso foi lá em Guaxupé, uma cidade lá perto, que tinha já faculdade. Vinha uma banca, aplicava a prova escrita e didática e, se você fosse aprovado, o MEC[13] expedia uma autorização para você dar aula. Então tenho… Isso é um licenciamento, mesmo. Então tenho o licenciamento do MEC, expedido pela Universidade Federal de Minas Gerais, para lecionar na matéria de português. Engraçado. São outros tempos, outras épocas. E é um título de que me orgulho muito, porque gosto. Não vale nada. Principalmente… Nunca usei, porque nunca mais dei aula de português. Mas me orgulho de ter esse licenciamento.

Christiane Jalles - E o doutorado foi sobre o quê?

[13] Ministério da Educação e Cultura.

Vantuil Abdala - O doutorado, na época, só tinha duas áreas, direito público ou privado. Como tive sempre mais um gosto pelo direito público, fiz de direito público. E assim… Tenho grata lembrança também. Que grandes mestres… Darcy Bersone, Caio Mario da Silva Pereira, Lydio Machado Bandeira de Melo. Esse Lydio Machado Bandeira de Melo, uma hora que vocês forem ver, é uma figura muito interessante. Às vezes, nós temos algumas pessoas que passam desapercebidas do grande público. Ele é mais conhecido lá fora do que aqui dentro. O Lydio foi um dos poucos brasileiros que saiu no Who's Who. Porque ele era mais lido e considerado fora do país, nas universidades europeias, do que aqui no Brasil. Fala Lydio Machado Bandeira de Melo aqui, ninguém conhece. Mas ele tem uns livros, inclusive muito curioso, a prova da existência de Deus pela matemática. Tem umas coisas assim. E então… O Mello Cansado. O curso meu de doutorado, dois anos, foi muito interessante e me valeu muito. Porque já era um curso sem preocupação da prova, você já está mais maduro para entender certas coisas. Logo depois fui trabalhar numa entidade, em Belo Horizonte, chamada Companhia de Distritos Industriais de Minas Gerais, que tinha também um certo cunho social desenvolvimentista. Implantava as cidades industriais. Por conta disso, viajei por muitas cidades de Minas Gerais, com processo de desapropriação e tal. Simultaneamente passei a fazer o concurso para a magistratura, em São Paulo. E…

Tânia Rangel - Em São Paulo, porque era mais perto da casa de seus pais.

Vantuil Abdala - Porque era mais perto. Porque a minha cidade, como disse, era bem mais perto… Porque já tinha o irmão que era dentista em São Paulo e então resolvi fazer o concurso lá em São Paulo. Também, era o concurso que estava abrindo naquele momento. Naquele momento, era muito mais raro o concurso. As regiões trabalhistas eram muito menores. E São Paulo, naquela época, era composto, a região, de São Paulo, Mato Grosso e Paraná. Hoje, não. Hoje temos tribunais em cada estado. Naquela época era composto pelos três. Então fiz e fui aprovado…

Tânia Rangel - O senhor já gostava do direito do trabalho naquela época?

Vantuil Abdala - Vou lhe contar como é que passei a gostar do direito do trabalho. Não gostava de nada. Eu era um pilantra. Jogava pingue-pongue o dia inteiro na faculdade, mexia com o grêmio, mexia com tudo, menos com o direito. Mas como eu não trabalhava e a gente almoçava e jantava na faculdade, tinha a Fundação Mendes Pimentel, que você almoçava e jantava de graça, para você pagar depois de formado, e a república O Condado, onde morava esse povo todo, era ali pertinho, então vivia na faculdade. Por viver na faculdade e não estar fazendo nada, ia ter uma defesa de tese, eu assistia, ia ter uma palestra, assistia, ia ter um curso, assistia, ia ter um concurso de oratória, eu

assistia. Porque eu não estava fazendo nada! Então… Depois de anos é que fui notar que isto muito me valeu. E… Do que é que eu ia falar, o que você tinha perguntado?

Christiane Jalles - Como é que o senhor chega na Justiça do Trabalho.

Vantuil Abdala - Ah, sim. Quando cheguei no quarto ano, o meu professor de direito do trabalho, Messias Pereira Donato, excelente professor, tem um livro de direito do trabalho…

Tânia Rangel - Desculpe. Messias…?

Vantuil Abdala - Messias Pereira Donato. Era o catedrático de direito do trabalho e uma figura excepcional. Muito enquadrado, muito sério. Ele resolveu fundar um Instituto de Direito Social de Minas Gerais para que os alunos praticassem e prestar assistência jurídica gratuita a trabalhadores. E ele resolveu fazer um concurso para quem quisesse estagiar lá. E muitos se inscreveram. Eu não estava fazendo nada… "O que é aquilo?" "Vai ter um concurso!" Me inscrevi também. Mas a turma de cobra, os candidatos fortes eram outros… Mas ele deu uma prova prática. E aquele pessoal sabia muito aquela teoria, aquele negócio de decorar tudo. E a prova prática você tinha que resolver raciocinando. Quando vi, passei em primeiro lugar no concurso. [riso] Foi uma surpresa geral. Como é que o Vantuil passou em primeiro lugar? E fiquei, durante um ano, fazendo o estágio. E tive que me virar, porque passei em primeiro lugar, o professor vinha, e eu tinha que… Então isso me fez estudar. Você viu que toda vez que estudei na vida foi empurrando. [risos] E tive que estudar. Agora o pior. Chegou no final do ano, quando terminamos o estágio, o estágio era de um ano, ele me convidou para ficar como monitor da turma que viria, como orientador da turma que viria. Eu falei: "Meu Deus! Agora está pior ainda." E fiquei como… aceitei. Aí que tive que estudar mais ainda. Foi meu assessor lá Misabel Abreu [Machado] Derzi, que é candidata ao Supremo Tribunal Federal, eterna candidata. Vira e mexe, quando tem uma vaga, ela é candidata. E foi minha assessora Alice Monteiro de Barros, que é uma das principais autoras de direito do trabalho. Tem vários livros. Todas duas foram minhas estagiárias. Então daí que passei a gostar de direito do trabalho, porque tive que estudar, pois ia orientar aquela turma ali, que teoricamente era muito melhor que eu. E daí… Quer dizer, a gente tem uma tendência de tudo que a gente domine a gente gosta, não é? O que a gente desconhece a gente não gosta. E passei a gostar muito de direito do trabalho e, de fato, passei a estudar muito. Então, fiz o concurso em São Paulo…

Tânia Rangel - Em [19]73?

Vantuil Abdala - Em [19]73. Sentindo muito deixar Belo Horizonte, porque adorava Belo Horizonte. Belo Horizonte naquela época era uma cidade de 50 anos, era uma cidade muito agradável ainda, uma cidade de 800.000 habitantes. Era extremamente agradável. Tinha lá todos os amigos, eram aqueles amigos que a gente faz na época de estudante, com toda a naturalidade que se tem. Então lamentei muito. Mas precisava lutar pela vida. Então, passei no concurso em 1973 e tomei posse em abril ou maio de 1973. E passei a juiz, juiz substituto. Como juiz substituto atuei em Ribeirão Preto, em Americana, em Piracicaba, em Limeira, em São Carlos, em São José dos Campos. Rodei por aquela região toda. Como disse, pertenciam também à 2ª Região Paraná e Mato Grosso, substituí em Londrina, substituí em Curitiba.

Tânia Rangel - O senhor ficava quanto tempo em cada lugar? Pouquinho…

Vantuil Abdala - Depende. Muito pouco. Geralmente era nas férias. O colega tirava um mês de férias ou dois meses. Então era, no máximo, dois meses. Salvo um caso assim de doença, uma coisa, ficaria um pouco mais. E quando surgiu a chance para eu ir a titular de Vara, naquela época Junta de Conciliação e Julgamento, por antiguidade, eu já tinha uns cinco anos de magistratura, foi em Corumbá, no Mato Grosso. Resolvi aceitar porque era um passo na carreira, e quando houvesse outra vaga havia a preferência, para a remoção, daquele que já era o titular. Então aceitei ser juiz em Corumbá. O que foi também uma experiência curiosa, interessante. Uma cidadezinha, divisa com a Bolívia, lá no fim do mundo, quer dizer, pelo menos naquela época. E me lembro que logo que cheguei e passado um, dois dias, eu não tomava nenhuma iniciativa, o diretor de Secretaria falou: "O senhor não vai visitar o capitão dos portos?" "Não. Por quê?" "Não, doutor, é o capitão dos portos, é autoridade maior aqui." Eu disse: "Não tenho nada a ver com o capitão dos portos." "Não vai não, doutor?" Falei: "Não. [risos] O que tenho a ver com o capitão dos portos?" E ele… Note-se que nós estávamos sob regime militar ainda, esse povo tinha toda a coisa! Falei: "Não, não vou, não. E vou ver o que acontece." Não fui, não. [risos] Também, o capitão dos portos nunca foi lá! Nunca fui a ele, nunca aconteceu nada. Agora, os outros iam lá, ficavam um, dois dias, atrasavam o serviço. Falei: "Vou fazer tudo religiosamente aqui, mas não vou no capitão dos portos, não. Não vou ficar devendo nada aqui. Não vou deixar nada aqui, que esteja de errado aqui." Então fui, saneei, aquelas execuções, coloquei tudo. Tratava o pessoal com muita urbanidade. Foi muito curioso porque lá tem aquelas enchentes e nada se comunica, na região do Pantanal. Então eu tinha audiência contra a Fazenda Podoquê, ficava a mil quilômetros, inundada, e a testemunha comparecia. Eu ficava curioso. "Como é que o senhor veio até aqui? E como é que o senhor ficou sabendo da audiência?" "Pela Rádio Rural." Tinha uma Rádio Rural que anunciava, às cinco horas da tarde, um programa de música caipira, anunciava assim: "Ô fulano, o senhor tem que vir depor

como testemunha no processo da Justiça do Trabalho dia tal." E não é que o cidadão comparecia, rapaz? "Não. Ouvi na Rádio Rural que eu era testemunha no processo." Eu ficava impressionado. Eu dizia: "E como é que o senhor veio?" "Eu vim no avião do patrão." "E o patrão sabia que o senhor era testemunha contrária a ele?" "Não. Sabia. Falei que quem tinha me chamado era o fulano." Você vê que coisa, quer dizer, o respeito que o homem do campo, do interior, tem com a Justiça. Ele vir pela notificação pela rádio e o patrão trazendo no avião. E ele vinha, ficava numa pensão, porque ele só podia voltar no dia que o patrão fosse voltar, que era geralmente final de semana. E ele pagava do bolso dele a pensão, para vir fazer testemunho. Então umas experiências, que a gente tem, muito curiosas. Fiquei lá… As audiências começavam às sete horas e terminavam às dez, porque ninguém aguentava o calor. Não tinha sequer ventilador.

Christiane Jalles - Da noite, não é?

Vantuil Abdala - Não. Pela manhã. De 7 às 10, pela manhã. E o prédio da Vara ficava bem à margem do rio, o rio passava lá naquelas árvores, assim. E aqui para baixo era um gramado assim. Pasto. E tinha uma porta que dava para lá, porque senão ninguém aguentava o calor. Ficava tudo aberto, as janelas, a porta. Um dia, uma vaca colocou a cabeça para dentro, assim… Eu fazendo audiência aqui, a vaca colocou a cabeça, fez: "Muuuu." [risos] Ficou todo mundo olhando para mim, qual seria a minha reação, se eu ia mandar prender a vaca. [risos] Falei… Para eu poder rir, falei: "Está suspensa a audiência." Para poder sair para rir um pouco. Mas foi uma experiência interessante. Fiquei lá cinco ou seis meses. Então me removi para Mauá, onde, praticamente, não havia condução. Saía de casa e ia para a Estação da Luz, pegava o trem de subúrbio, ia de trem de subúrbio até lá, de terno e tal, meio-dia, aquele calor. E fiquei lá durante mais uns seis ou oito meses. E me removi para São Bernardo do Campo. Isso foi em 1988…

Christiane Jalles – [19]88? A informação que nós temos é [19]78, [19]79.

Vantuil Abdala – [19]78. Desculpe. [19]78. 78, 79. Que foi a minha magistratura mais rica, porque…

Christiane Jalles - É. Porque as greves do ABC[14]…

Vantuil Abdala - Era exatamente o momento em que renascia o sindicalismo no país, ainda sob o regime de exceção. Não é? E vivi ali aqueles momentos de muita tensão, muito intensos, porque o

[14] Refere-se à região do ABC paulista, parte da Região Metropolitana de São Paulo/SP.

que mais se discutia era se a participação pacífica em greves constituía justa causa ou não. Que era a jurisprudência anterior e que havia uma pressão, sempre velada, mas havia uma pressão, que se julgasse nesse sentido. E nós passamos a julgar em sentido contrário, dizendo que era legítimo o direito de manifestação pacífica. E muitos trabalhadores… Depois isso veio até o Supremo, o Supremo acabou confirmando. Hoje tem uma súmula do Supremo, de muitos anos, dizendo isso, que a simples participação na greve não constitui justa causa.

Christiane Jalles - O senhor chegou a presidir alguma das grandes negociações que houve com os sindicalistas? Com o [Luís Inácio] Lula [da Silva]…

Vantuil Abdala - Várias. Várias. Várias conversações. Com o Lula, outro dia, eu estava vendo uma fotografia. Depois que eu estava lá há algum tempo, foi instalada mais uma vara, então ele aparece na porta da… e falou. Já naquela época ele gostava de falar. Na inauguração da 2ª Vara há uma manifestação dele. Mas ele ia lá quase todo dia. Ia acompanhando pessoas. O Alemão. Era outro líder que havia à época.

Christiane Jalles - Naquela época, mais importante que o Lula, inclusive, o Alemão.

Vantuil Abdala - É, era sim. Eles apareciam muito lá. Porque, digamos, a Justiça do Trabalho era mais ou menos um lugar de encontro, um ponto de encontro, um ponto de referência. Então ele aparecia lá, muitas vezes, para a gente conversar. Só que eu conversava como estava conversando com qualquer outro daqueles sindicalistas, porque para mim era mais um, apenas. Eu nunca tinha visto.

Christiane Jalles - Sim. Nem imaginava que o futuro seria esse.

Vantuil Abdala - E nunca ia imaginar. Não tinha nada. Conversava, saía e conversava com outro.

Tânia Rangel - E o senhor, nesse momento, se posicionava como? Tinha essa, entre aspas, jurisprudência para considerar qualquer tipo de participação como um motivo de justa causa da greve, e as suas decisões iam nesse sentido, iam em sentido contrário?

Vantuil Abdala - Não. Ia no sentido de que não era falta grave a participação em greve. Como entendo até hoje que não é. E acho que é um direito fundamental, internacional, da classe trabalhadora. É a única força que eles têm, é a união, poder se manifestar. Então eu achava que

aquilo era um despropósito. Achava que os trabalhadores… Porque as manifestações eram pacíficas mesmo, não havia… Não agrediam ninguém. Havia o piquete em porta de fábrica, mas apenas piquete de convencimento, sem proibir ninguém de entrar. Sempre achei isso absolutamente legítimo.

Christiane Jalles - Alguma das greves, como a greve da Scania, acabou sendo negociada na sua Vara? Ou não?

Vantuil Abdala - Não. Porque dissídio coletivo se negocia em segundo grau. Dissídio coletivo, ele é competência originária do Tribunal. O que às vezes acontece, e a própria lei prevê, é que o presidente do Tribunal pode autorizar o juiz de primeiro grau a discutir a possibilidade de acordo, e se não houver acordo, receber a defesa e encaminhar para o Tribunal. E isso eu fiz algumas vezes.

Tânia Rangel - O senhor conseguiu fechar algum acordo nessa época?

Vantuil Abdala - Muitos. Porque havia muitas empresinhas menores. Havia muito. Iniciava lá o movimento, havia uma desavença, eu chegava, conversava. Conhecia os advogados.

Christiane Jalles - Isso que eu ia falar. É isso. Quais eram os advogados que defendiam os trabalhadores nesse momento, de quem o senhor se lembra?

Vantuil Abdala - Olha. Principalmente o Maurício [Soares], que foi o prefeito de São Bernardo.

Christiane Jalles - Maurício, o sobrenome dele o senhor se lembra? Não? Tudo bem, com prefeito a gente já entende.

Vantuil Abdala - Hum… Ele foi prefeito de São Bernardo duas vezes. PT[15] doente. Foi apoiado pelo Lula, então. Ele era o advogado. Ele era o principal advogado do Sindicato dos Metalúrgicos. Como lá tudo era metalúrgico era, praticamente, só com ele. Tinha os seus assessores, que não me lembro. Mas geralmente eu conversava com ele. Mas fiz muitos acordos, em muitas empresas menores. Onde há as montadoras de automóvel há muitas empresas menores, que fornecem.

Christiane Jalles - Claro. Autopeças.

---

[15] Partido dos Trabalhadores.

Vantuil Abdala - Autopeças, essa coisa. Então fiz. Falar em audiência, ainda quando substituto… Porque aqui eu já estava lá. Mas quando substituto, logo que comecei a substituir, fui designado para substituir em São Carlos do Pinhal. Em São Carlos do Pinhal havia uma fábrica de geladeira, a Clímax. E eu estava completamente inexperiente. Naquela época não tinha estágio, não tinha nada. Você tomou posse, você… E me designaram para ir substituir. Cheguei lá, me apresentei à diretora de Secretaria, que eu era o juiz. Mas já notei, na porta do prédio, tinha… prédio de dois andares, havia uma quantidade de gente lá fora. Quando entrei, cheia a sala, aquela porção de gente, e fotógrafo tirando fotografia, falei: "Meu Deus, o que será que está acontecendo?" Então me apresentei à diretora, ela disse: "Olha. Já está todo mundo esperando o senhor para iniciar a audiência." Falei: "Está bem." Cheguei lá, sentei. A mesa estava cheia, assim. Fiquei olhando para eles, e eles olhando para mim. Levou uns cinco minutos a operação, o reconhecimento. [riso] Falei: "O que é que eu faço? O que será que está acontecendo aqui, com esse povo todo?" Peguei o processo: dissídio coletivo do Sindicato dos Metalúrgicos de São Carlos contra a Clímax. Dissídio coletivo? O que será que o juiz faz num dissídio coletivo? Nunca tinha estudado isso, porque dissídio coletivo é matéria de segundo grau. Falei: "O que será que o juiz faz?" E fiquei assim… pensando. Então a diretora de secretaria falou: "Doutor, posso fazer a ata igual ao modelo do ano anterior?" Falei: "Pode, sim, senhora." Ela… [imitando datilografia rápida] E estou quieto. Não sabia o que fazer. Ela punha o carbono assim… tchiu… e tirou aquilo, e falou: "Doutor, posso pegar a assinatura deles?" Falei: "Pode, sim, senhora." Ela foi lá, todo mundo assinou. Trouxe para mim assim. "Eu devo assinar, também. Mas vou esperar um pouco aqui." [riso] Então um lá falou: "Doutor, então, boa tarde, muito obrigado." Falei: "Boa tarde." O outro levantou: "Boa tarde. Muito obrigado." Eu: "Boa tarde." "Boa tarde". Depois fui ver a ata, o que estava escrito. A única coisa que o juiz fazia era a proposta de acordo. Se não tinha acordo, mandava embora para lá. Ela só escreveu assim: foi feita a proposta de acordo, não teve sucesso. As partes…. E eles já tinham conversado tudo isso, porque… se tinha ou se não tinha acordo, eles já tinham resolvido que não tinha. [risos] Foi um alívio quando a mulher falou para mim "Posso fazer igual à anterior". Falei: "Pode, sim, senhora." Hoje, não. Hoje tem a Escola da Magistratura, que o juiz faz um curso, depois faz um estágio, e tal. Naquela época, era jogado às feras, logo nas primeiras vezes. Em São Bernardo, fiquei, pois, até [19]82. Então, esses anos todos, continuou essa atividade muito intensa. [19]81, [19]82. Não guardo bem essas datas. Fiquei lá cerca de três anos, três anos e pouco. E havia um movimento muito grande. O número de ações era enorme. Mas um pessoal assim, de ambos os lados, os advogados, muito amistosos. Não foi uma magistratura, no embate direto, dificultosa. Havia esta pressão velada, que havia no ar, naquela época, mesmo. E sempre, por exemplo, que um sindicalista era afastado, a pressão era no sentido que não se determinasse a reintegração daquele

sindicalista, que se considerasse aquilo uma falta grave, com uma suspensão etc. Então havia sempre algo nesse sentido.

Christiane Jalles - Algum comandante militar chegou a visitá-lo?

Vantuil Abdala - Nunca. Nunca. Eu também não dava trela, conversava de longe. Sempre quis distância absoluta. Não tinha possibilidade. O presidente do Tribunal, que era o Homero Diniz Gonçalves, muito ligado aos militares, duas vezes me chamou, disse: "Ó, dr. Vantuil, o senhor deve se preocupar com essa coisa. O senhor toma um pouco de cuidado, não sei quê." Sabe? Passava algo assim. E eu ficava meio com aquela cara de bobo, e voltava, e continuava na coisa. Fiz tudo na vida para ter uma certa independência, não vou aqui… E quando foi… por volta de três, quatro anos que eu estava lá, surgiu uma vaga em São Paulo, que era a minha grande meta, voltar a ser titular em São Paulo. Voltei para São Paulo.

Tânia Rangel - Nesse momento, o senhor já tinha se casado?

Vantuil Abdala - Já tinha me casado. Casei logo em 1978. Havia dito para a minha mulher que se eu passasse no concurso casaria. E ela morava no Rio [de Janeiro]. Um dia, ela me ligou de lá, falou: "Acabei de ler o Diário Oficial". [risos] Falei: "Agora não tem jeito!" [risos] "Acabei de ler o Diário Oficial, que foi publicado aqui." [riso] Falei: "Bom. Então…" E voltei para São Paulo. Mas eu já tinha filhos e… Mas nunca deixei de morar em São Paulo. Eu ia e voltava.

Christiane Jalles - Então o senhor não morava em São Bernardo, também.

Vantuil Abdala - Não, não. Eu ia diariamente. Pegava aquela rua dos três tombos ali… Era uma coisa horrorosa aquilo. O deslocamento, diariamente. Então voltei em [19]82, [19]81 talvez. Mas eu estava lá há pouco tempo, e fui eleito presidente da Associação dos Magistrados da 2ª Região, algo de que me orgulho até hoje, entidade que está fazendo, este ano, 50 anos.

Tânia Rangel - Olha, que legal.

Christiane Jalles - E como foi essa eleição? O senhor já tinha vida associativa?

Vantuil Abdala - Tinha. Desde… Quando eu era substituto, o Amauri Mascaro [Nascimento], que vocês já ouviram falar, é famoso professor da USP[16] e um dos maiores autores juristas e trabalhistas. Naquela época o Amauri era juiz do Trabalho. E pouca gente sabe que ele foi juiz do Trabalho. Ele foi juiz do Trabalho, se exonerou. E ele foi presidente da AMATRA[17]. Isso, lá por 1975. Eu estava há dois ou três anos na magistratura. Fui eleito diretor cultural da Associação. Sempre tive esse espírito associativo, de colaborar. Então, quando vim para a capital, logo houve um movimento para me indicar candidato a presidente. Até então, nunca tinha havido disputa na história da… Aliás, vou até fazer uma palestra desses 50 anos, vou me lembrar dessa história, que fui o único que não teve unanimidade, que teve adversário. [riso] Porque, até então, sempre a eleição era por aclamação. Até por que aquilo era só trabalho. Não tinha nada a Associação. Não tinha sala, não tinha verba, não tinha nada. Era trabalho. Mas na minha vez houve disputa. Eu, embora tenha ganho a eleição, tive adversário.

Tânia Rangel - Contra quem?

Vantuil Abdala - Chamava Sandra Kozlowski Mota. Depois, tornou-se professora da universidade. Sandra Kozlowski, com w, Mota. Era uma boa juíza. E ela foi minha adversária. E isso acabou sendo uma coisa interessante, porque se demonstrava um certo interesse pela entidade. Então foi uma coisa que tive. E isso é próprio da democracia mesmo, ter disputa. Então fui presidente, mais ou menos [19]73, [19]74, por aí…

Christiane Jalles – [19]83, [19]84.

Vantuil Abdala – [19]83, [19]84. Desculpa essas coisas, essas décadas, que estou… E você tem essas reuniões no Brasil inteiro, então tive uma ideia maior da dimensão da magistratura.

Christiane Jalles - E o que a AMATRA fazia nesse momento? Quais foram, por exemplo, as medidas que o senhor implementou enquanto presidente?

Vantuil Abdala - De um modo geral, era uma entidade de interesses corporativos, para defender os interesses da magistratura frente ao governo federal e, nesse sentido, era mais questão salarial, ou de criação de cargos: aumento de número de varas, criação de juízes substitutos ou questão salarial. No âmbito interno, era mais uma proteção dos juízes frente aos presidentes dos tribunais. Vamos dizer,

---

[16] Universidade de São Paulo.
[17] Associação dos Magistrados da Justiça do Trabalho.

deslocar mais funcionários para a vara, ou, então, condições físicas e materiais melhores para as varas.

Tânia Rangel - Ela defendia, então, mais interesses da magistratura de Primeira Instância.

Vantuil Abdala - Sim. De um modo geral… Que, aliás, é até hoje.

Tânia Rangel - É. Mas é interessante porque o senhor vai ser presidente já como juiz de Segunda Instância.

Vantuil Abdala - Não! Primeira Instância.

Christiane Jalles - Estava na presidência da Vara de São Paulo.

Vantuil Abdala - É. Sempre terminando o regime de exceção. E o presidente do Tribunal chamava-se Aluísio Simões de Campos. Aluísio Simões de Campos tinha presidido aqueles inquéritos, como é que chamavam aqueles inquéritos? Inquérito Policial Militar.

Christiane Jalles - IPM. É, IPM.

Vantuil Abdala - IPM. Então, você imagina a figura que era. E esse pessoal adorava quem reivindicasse, quem… [riso] Então, quando eu ia falar com ele, ficava duas horas esperando na antessala, para falar. Mas não era eu que estava esperando, era o presidente da Associação. Eu estava lá no interesse dos colegas. Eu aguardava até ele me receber. [bate na mesa] Acho que depois ele… Venci ele pelo cansaço, que ao final ele até estava já admitindo que não era nada, nós não tínhamos nada contra o Tribunal. Por exemplo, a gente ia reivindicar, foi criado na minha época, um assistente para o juiz, de nível superior, que pudesse auxiliar o juiz na elaboração de relatório, separação de documentos, essas coisas. Então… A Associação era isso. Ou às vezes defendia colega até frente a advogados, que lá e cá às vezes há divergência de magistrados contra advogados, com relação a advogados ou às vezes até com relação à Ordem[18]. Havia uma prática na época… Não tem muito a ver com a nossa entrevista, mas a gente vai se entusiasmando, vai contando história. Chamava assim: cota por linha. Você abria vista para o advogado falar alguma coisa, ele podia falar o que quisesse, escrevendo à mão nos autos. Então, imagina, aquilo ficava uma bagunça. Escrevendo à mão. Você entender a letra do cidadão… Havia uns, então, que não tinham bom

[18] Ordem dos Advogados do Brasil, OAB.

senso, escreviam dez páginas à mão ali. [risos] Uma bobagem. Então, por exemplo, na minha Vara proibi isso. Ele dizia: "Não. Mas a lei da Ordem me dá direito a falar por cota." "Mas falar por cota é falar nos autos, doutor, não significa escrever à mão. Então, o senhor pode falar, mas o senhor fala à máquina." "Não. Mas não tem máquina aqui." "Então, vamos fazer o seguinte, o senhor vai lá dentro da Secretaria, vou colocar um servidor à disposição do senhor, o senhor dita, tem inclusive papel, e vou juntar a sua manifestação em papel." Ele ficava sem graça, ele não tinha argumento. Então acabei, na minha Vara, com falar por cota. E, às vezes, com essas coisas, você criava uma certa divergência. Então a AMATRA tinha toda essa atuação, mas sempre corporativa.

Christiane Jalles - A AMATRA não chegou então, em São Paulo, a se engajar nas campanhas pela redemocratização.

Vantuil Abdala - Não. Absolutamente nada. Não tinha nada. Mesmo que, individualmente, os membros tivessem. Mas vamos dizer, iniciativa efetiva… Até por que, de um modo geral, morria-se de medo. Antes que nós, tivemos três colegas cassados, magistrados do Trabalho, em São Paulo. Então o pessoal tinha… E o próprio presidente do Tribunal, quando nós assumimos, dizia: "Olha, aqui vocês são magistrados, vão aplicar a lei, vão ser tomados de coisas." [sussurando] Então não fazia absolutamente nada. Não havia nenhuma atitude assim fora desta… desta área ali. O que a gente… eu fazia, naturalmente, quando íamos chamar um palestrante, chamávamos o palestrante que sabíamos que tinha ideias liberais, democráticas. Falar em liberal, naquela época, era de esquerda. [riso] Como, por exemplo, o [Antônio] Evaristo de Morais, como o Délio [Barreto de Albuquerque] Maranhão, como o Catarino, da Bahia, que era gente assim, muito mais com preocupação social, que hoje você chamaria muito mais de esquerda do que conservadora, de direita. Então era isso que a AMATRA fazia. A atuação era mais nesse sentido. Bem. Estamos em [19]82, [19]83. E a distância para eu chegar ao Tribunal… Quando a gente entra na magistratura, você chegar a titular de vara é a meta natural. Chegar ao Tribunal é algo muito longínquo, porque, vamos dizer, de 100, 10 chegam ao segundo grau. E a minha perspectiva, eu tinha entrado muito novo, tinha tantos ilustres magistrados à minha frente que eu nem cogitava daquilo. Coincidentemente, algum foi aposentando, outra coisa. Mas de repente eles resolveram criar o Tribunal de Campinas, em 1966.

Christiane Jalles – [19]86.

Vantuil Abdala – [19]86. Eu já era… Era lá um dos trigésimos. Estava muito longe. Mas criam o Tribunal de Campinas, abrem seis vagas: três para o Tribunal de São Paulo e três para Campinas.

Vaga para juiz no Tribunal. Eu digo: bem, agora é uma oportunidade extraordinária. E me inscrevi, tanto para São Paulo quanto para Campinas. E havia três de carreira, três por antiguidade. Três por merecimento e três por antiguidade para São Paulo, três por merecimento, três por antiguidade para Campinas. Eu me inscrevi na de merecimento. Por antiguidade, eu não tinha antiguidade. E, sei lá por que cargas d'água, foi feita a votação e fui o mais votado. Encabecei a lista em primeiro lugar para São Paulo. Em 1966[19]. Aquilo era sempre nomeado pelo presidente da República. Até o juiz de primeiro grau era ato do presidente da República. Engraçado. E então fui nomeado para São Paulo, em 1966.

Christiane Jalles – [19]86.

Vantuil Abdala – [19]86. Fui para uma turma que… A sorte sempre me ajudou nessas coisas. Fui para uma turma que era o José Luiz de Vasconcellos, que veio a ser ministro do Tribunal Superior depois, e o Valentin Carrion, que é um dos juristas mais conhecidos e tem uma CLT[20], talvez a mais vendida CLT comentada. Então, eu estava numa turma que eram os dois expoentes do Tribunal. E eu ali, novato. Mas… Como dizia o Deodato, isso pega por osmose. Você ficando ali acaba pegando. Então aquilo foi ótimo para mim. Então fiquei em [19]86, em [19]87. [19]88, o Lamarca, que era um ministro, Antonio Lamarca, que era um ministro do Tribunal Superior do Trabalho, oriundo de São Paulo, resolve se exonerar porque tinha medo de avião. Ele veio algumas vezes de carro, não aguentou vir de São Paulo aqui. Ele não vinha de avião. Se exonerou. Se exonerou, foi nomeado para lá o José Luiz. E chegou no final de [19]80, lá por [19]89, dá uma vaga, e passa a se entender que, pela dimensão de São Paulo, São Paulo devia ter um candidato entre os três que iriam se candidatar. E o candidato natural era o Carrion. Jurista famoso já. Mas o Carrion tinha casado há pouco tempo, de mulher nova, que era juíza lá, e a juíza não podia sair de lá, ele não quis topar. Ele não quis se candidatar. E o outro candidato era o Aluísio Sampaio. O Aluísio Sampaio, autor de vários livros, sociólogo. E o Aluísio Sampaio, por questões familiares, também não quis aceitar. Um dia o José Luiz chegou para mim, falou: "Vantuil. Você se disporia a concorrer ao Tribunal Superior do Trabalho?" Falei: "O que é isso." Eu era ali um calouro. Eu disse: "Você está brincando. Por que isso?" "Não. Não. Estou falando sério." Falei: "Para mim, seria uma honra. Mas eu nunca imaginava. Não conheço ninguém lá. Nunca fui ao Tribunal Superior do Trabalho." "Não. Mas concorrer é uma coisa. Você, se você se dispõe…" "Olha, fico muito honrado." Então, a primeira coisa, ele me indicou para receber a Medalha do Mérito Judiciário do Trabalho, que foi a primeira vez que vi aquele negócio. Eu nunca tinha visto um ministro na vida. De que jeito será um

[19] O entrevistado se refere a evento de 1986, não 1966.
[20] Consolidação das Leis do Trabalho.

ministro, não é? E ele falou: "Olha. Mais daqui a uns dois meses, você… fazer a lista. Você veja." Então comecei. Não conhecia ninguém. Nunca fui político. Não conhecia ninguém. Eu conhecia o pessoal do mundo jurídico porque participava de palestras, escrevia artigos etc. Comecei a entrar em contato com o Arnaldo [Lopes] Süssekind, falei: "Ministro Süssekind, tem lá uma vaga. O José Luiz acha que eu… São Paulo, se você encontrar com algum ministro e você puder dar a sua opinião sobre mim a ele, seria bom." Não é? E assim foi com o Délio Maranhão, com o Evaristo de Moraes, com o Matias Catarino, que era o pessoal com quem eu participava em congressos, com palestras e tal. Falei: "Olha, se puder dar uma palavra lá em meu nome então…" E foi feita a lista aqui. E entrei em primeiro lugar na lista aqui, para a promoção para o TST[21]. Mas não tinha chance nenhuma junto à Presidência da República porque não conhecia, não tinha tradição política, não tinha vivência política, essa política de… Mas entrei em primeiro lugar. Entrou um do Rio Grande do Sul, que diziam que era fortíssimo, tinha apoio de toda a bancada política, e entrou um do Ceará, um tal de Ronald, que disse que o pai era… O presidente era o [Fernando] Collor [de Mello]. Que o pai era compadre do Collor. Então os dois que estavam disputando. Eram os dois fortes e eu. Para sorte minha, o ministro Francisco Rezek tinha deixado o Supremo Tribunal Federal a convite do Collor para ser o chanceler.

Christiane Jalles - Isso.

Vantuil Abdala - Fui lá no Rezek, falei: "Olha, Rezek. Estou numa lista para o Tribunal. Não conheço ninguém, não. [riso] Se você puder me ajudar…" Disse: "Vamos ver". Por outro lado, o Carlos Coimbra era o chefe da Casa Civil, tio do Collor, e o Ismael de Oliveira Coimbra, que é um coronel, médico, que foi médico do Exército a vida inteira, os meninos dele jogavam basquete comigo. Ele já estava aposentado há muito anos, morava em Muzambinho[22]. Falei com o filho dele: "Vamos lá falar com o papai." E o velho já estava lá com uns oitenta e tantos anos. Ele falou: "Ah. Não vejo o Coimbra há muito tempo. Mas, se quiser, nós vamos lá." Levei o velho para São Paulo, pus no avião, trouxe aqui na Casa Civil. [riso] Quando o Carlos Coimbra viu, falou: "Ismael, o que é que você está fazendo aqui?!" Fazia uns 30 anos que ele não via o Ismael. Ele falou: "Ah. Esse Vantuil é amigo dos meus filhos e é candidato a ministro do TST, está em primeiro lugar na lista, e, como ele é amigo do meu filho, vim trazer ele aqui para te apresentar." Então ele falou: "Amigo dos seus filhos é meu amigo também." [riso] Falei: "Opa! Para quem está sozinho nessa luta…!"

Tânia Rangel - Toda a ajuda é bem-vinda.

---

[21] Tribunal Superior do Trabalho.
[22] Município em Minas Gerais.

Vantuil Abdala - E tive muito apoio de federação, confederação, de empregados, tudo. Mas isso não vale nada. O que vale mesmo é aquele que chuta em gol na hora, não é? E acho que quem chutou… Bem. Tive um outro apoio, que acho que era forte, que o presidente do TST era o [Marco Aurélio] Prates de Macedo. O Prates de Macedo é uma figura muito curiosa, um homem de frases feitas, mas ele é muito ligado à coisa. Ele começou com uma ligação muito grande com a Leda [Maria] Collor [de Mello], e ele arrumou uma sala para a Leda Collor lá no TST. Tinha aquele negócio do Lindolfo [Leopoldo Boeckel] Collor, houve um movimento, em todo lugar, eles davam o… Faziam o busto do Lindolfo Collor, homenagem ao Lindolfo Collor, não sei quê. Nunca houve tanta… Bem. E ele fez uma sala lá para ela. Acho que o Collor achou ótimo, ficava livre da Leda lá, junto ao Palácio. [risos] E de vez em quando ele ia, a convite do Collor, assistir filme lá no Palácio. Ele tinha, digamos assim, não era um lado de força política, mas era um lado de certa possibilidade. Ele também me apoiou. Fez uma carta muito bonita, me apoiando. E agora o que acho, mesmo, que definiu a minha indicação, foi o Francisco Rezek, que o presidente tinha uma grande dívida por que ele deixou o Supremo. Ele era ministro do Supremo e presidente do Eleitoral na eleição do Collor. Então, a convite do Collor, ele deixou o Supremo, o que foi uma coisa rara. Deixou o Supremo e foi ser ministro de Estado do Collor. Aliás, foi o único caso, na história, de ministro que depois voltou. [riso]

Tânia Rangel - É, o Rezek é o único que conheço.

Vantuil Abdala - E então acho que teve a força do Rezek e a força do Coimbra. Isto por quê? Porque o Collor era doido, ele não ligava muito para o político. Porque se fosse outro caso falava não, não vou nomear, porque, exatamente a meus amigos posso dizer não. Mas como ele não estava… Ele estava com tanta força àquela época, ou se imaginava com tanta força, que não…

Christiane Jalles - É. Início de governo, não é!

Vantuil Abdala - Pois é! Eleito daquela maneira. Não é? Ensandecido. Então faço essa avaliação, que vieram os dois imediatos dele: "Bom, vou nomear esse tal Vantuil mesmo. Não tem importância que os outros tenham a bancada de deputados", ele não estava tomando conhecimento. Então fui nomeado. Tomei posse aqui no início de 1991, lá pelo mês de maio ou junho. Era presidente o ministro Falcão. Disse… Não tem discurso, mas eu disse umas palavras, que nunca me esqueci. Dando as boas-vindas, eu só disse: "O Vantuil veio com a fama de ser um juiz legalista." Achei aquilo tão engraçado… Falei: "Mas tem juiz que não é legalista?" [risos] E depois, fazendo

uma avaliação. É uma coisa meio… até engraçado. Acho que fui, mesmo, um pouco escravo da lei. Talvez eu não tenha conseguido sair um pouco… Tem uma passagem do ministro [Francisco] Fausto [Paula de Medeiros], no livro que chama *Viva Getúlio!*, em que ele diz assim: "Graças a Deus que eu não me subjuguei ao anjo sombrio da Justiça." Ele narra uma história, que ele jogava futebol de meia, que eram várias meias dentro uma da outra, lá no quintal da casa dele, com os amigos. E depois de anos, juiz, sentou um cidadão e ele deu a sentença, na hora, contrária ao cidadão. Trabalhador. E ele notava que o trabalhador olhava para ele e tal. Mas julgou. Então terminou. Depois, o advogado que era conhecido, veio e disse para ele: "Olha. O fulano disse que estranhou muito que você, o Faustinho que jogava futebol de meia com ele lá no quintal da casa, o tivesse tratado daquela maneira." [riso] Então… Ele disse que nunca foi um bom magistrado. Porque o bom magistrado supera essas coisas todas e vai em frente. Porque se ele soubesse… Ele falou: "Sou um mau magistrado. Eu não teria julgado, porque não sou uma esfinge da Justiça. Eu teria me dado, no mínimo, por suspeito, para não julgar o caso do…" Então acho que, muitas vezes, me subjuguei a esse anjo sombrio da Justiça. Mas…

Christiane Jalles - Aí o senhor chega no TST. Como era esse TST, que o senhor não conhecia? Como foi a rotina?

Vantuil Abdala - Fui extremamente bem recebido no TST. O Marco Aurélio [Mendes de Farais Mello] estava acabando de sair de lá. O Marco Aurélio tinha deixado uma marca muito grande. Porque o Marco Aurélio, muito esperto, àquela hora, já dominava a tecnologia da informática, e aquilo era uma grande novidade, então ele deitava muita falação, e o pessoal ficava assim, meio coisa e tal. Mas cheguei e me convenci logo que devia dominar essa técnica, que é do conhecimento do recurso de revista, que é uma técnica que poucos dominam. Eu me aprofundei muito naquilo. Fui ler os clássicos, que escreviam sempre recursos extraordinários no Supremo e cujos princípios são os mesmos. Me debrucei logo sobre aquilo. E vinha de São Paulo, onde a disposição para o trabalho já era entranhada em mim, porque em São Paulo havia trabalho demais. Então vim para cá com uma disposição muito grande. E passei a ser muito considerado. Tanto que, depois de três anos, já fui designado para a Comissão de Jurisprudência, que é a comissão mais importante do Tribunal Superior do Trabalho. Da qual fiz parte durante toda a minha magistratura no Tribunal Superior, por 19 anos. Salvo quando ocupei cargo de direção, porque, regimentalmente, quem ocupa cargo de direção tem que se afastar. Mas quando foi criada a primeira Comissão de Jurisprudência, composta pelo ministro Ney Doria e o ministro Manoel Mendes, eu era o terceiro da comissão. Isso, eu tinha uns três anos. Já também com uns quatro ou cinco anos fui nomeado membro da comissão da construção do prédio, o prédio estava se iniciando, na gestão do Orlando [Teixeira da Costa], que

deve ter sido no início de [19]90. Pertenci durante muitos anos a essa comissão. Tive contato, várias vezes, com o [Oscar Ribeiro de Almeida] Niemeyer [Soares Filho]. Tenho fotografia, inclusive lá no memorial do Tribunal. Então, em pouco tempo, outros colegas falavam, os mais velhos, os advogados, eu estava indo bem no Tribunal. E sempre gostei muito da dialética, sempre gostei muito do debate. Isso me estimula muito. E eu trabalhava muito, mesmo. Essa coisa não cai do céu. Eu trabalhava muito mesmo. Então tive uma magistratura ali muito gratificante. Embora sacrificada. Mas gostava muito da minha magistratura, da minha atuação.

Tânia Rangel - O senhor chegou a ir a reuniões na OIT[23], também.

Vantuil Abdala - Fui, várias vezes. Acho que nunca houve um ministro que foi tanto à OIT como eu. Por muita sorte. Não é? Porque é uma cidade maravilhosa, muito agradável. Mas fui na minha vez… Porque vai… Antes, era um ministro a cada ano. Depois que passaram a ser dois. Fui quando chegou a minha vez. Depois, como vice-presidente, o Fausto não quis ir. O Fausto era meio doente, não quis ir, então indicou o vice. Fui. Depois… Quer dizer, fui duas vezes como vice, porque ele não foi nenhuma das vezes. Depois fui duas vezes como presidente. Passei a ser presidente, era a minha vez, fui duas vezes. Então, até aí, já tinha ido cinco vezes. Você imagina. Depois, coisa que nunca aconteceu, foi dar a volta… Não sei por quê… porque saíram alguns ministros… Naquela época só havia 17 ministros. Parece que duas… acho que havia duas ou três vagas. Então, se desse a volta, se todos já tivessem ido, iria o mais velho. Como eu era o mais antigo do Tribunal, deu a volta, chegou a minha vez de novo. [riso] Isso nunca mais vai acontecer. Porque o Tribunal passou para 27 [ministros]. Então fui outra vez por ser o mais antigo e todos já terem ido. Então fui seis vezes a Genebra, na OIT. Já conhecia o pessoal, gostava, achava que era válido, voltava, fazia um relatório e entregava aos ministros. Lá tinha boa participação, conhecia o pessoal que ia pelo Ministério do Trabalho, os parlamentares. Teve uma vez, já como presidente, fui à Alemanha visitar… A Alemanha tem um dos sindicalismos mais adiantados do mundo. Outro dia ainda estava vendo a carta deles agradecendo. Fui visitar a entidade sindical maior de lá, que congrega todos os sindicatos. Ele queria me ouvir, discutir, tal, tal, que eles estavam pensando em criar uma entidade internacional de sindicatos. Havia um movimento nesse sentido. Então…

Christiane Jalles - O senhor foi presidente de quando a quando, no TST?

Vantuil Abdala - Fui… 2004 a 2006.

---

[23] Organização Internacional do Trabalho.

Tânia Rangel - Que coincide… 2005. Foi na época em que o senhor também estava no CNJ[24].

Vantuil Abdala - Pois é.

Tânia Rangel - E como foi essa votação ali dentro?

Christiane Jalles - É. Como foi isso? Como é a escolha, foi por o senhor ser o presidente? Como é a escolha no TST para o Conselho, para o CNJ?

Vantuil Abdala - A escolha foi cara de pau minha mesmo. [riso]

Christiane Jalles - É? Como assim?

Tânia Rangel - Como isso se traduz?

Vantuil Abdala - Eu que me indiquei.

Christiane Jalles - É? Não houve nenhuma resistência entre os seus colegas?

Vantuil Abdala - Não, nenhuma. Eu me arrependi. Não devia ter feito. E disse isso a todos os colegas, e hoje eles não fazem mais isso. Acho que o presidente do Tribunal Superior do Trabalho não deve ser conselheiro do CNJ, simultaneamente. Acho que é uma *capitis diminutio.* Você fica em umas situações muito desagradáveis. Eu me arrependi. Mas aceitei por uma homenagem ao órgão. Eu entendia que o órgão era tão importante, que devia ser tão prestigiado, que quem deveria ir era o presidente do Tribunal Superior do Trabalho. Isso foi o que mais me motivou a ir.

Tânia Rangel - É, porque antes de o senhor aceitar… Aliás, antes de surgir, inclusive, a Emenda Constitucional, o senhor já tinha ido algumas vezes ao Senado se manifestar a favor da criação do órgão. Não é? Isso foi…

Vantuil Abdala - Em termos.

Tânia Rangel - Em termos?

---

[24] Conselho Nacional de Justiça.

Vantuil Abdala - Em termos. No meu discurso de posse… Depois, se você quiser ver, ele está na internet, mas… Já podemos começar a falar um pouco sobre o CNJ. Veja bem. Conselho Superior da Magistratura não é uma criação nossa. Foi criado na Espanha, foi criado em Portugal, foi criado no Chile. Outro era o objetivo: era o fortalecimento da magistratura. Aqui ele foi criado com outra mentalidade: disciplinar. Com o objetivo de vigiar e punir. Esta era a mentalidade. Porque nós vínhamos de uma CPI[25] do Judiciário, não é, em que se queria ver sangue. Juntou-se com aquele episódio do edifício do Lalau[26], em São Paulo, de tal maneira que havia um clima muito contrário à magistratura.

Tânia Rangel - O senhor, nessa época em que acontece o escândalo do juiz Lalau, o senhor já está aqui em Brasília, no TST.

Vantuil Abdala - Estou. Estou aqui em Brasília. Nessa época houve um movimento muito grande para extinguir a Justiça do Trabalho, extinguir o Tribunal Superior do Trabalho. Principalmente capitaneada pelo Antônio Carlos [Peixoto de] Magalhães.

Christiane Jalles - Que era o presidente da CPI. Era o presidente do Senado.

Vantuil Abdala - Presidente da CPI, presidente do Senado e, como sempre, homem muito forte politicamente. E por causa de uma pinimba muito besta com o Almir Pazzianotto [Pinto], que é outra figura, que era o presidente do TST… Que o Antônio Carlos Magalhães vinha falando umas besteiras contra o Poder Judiciário, contra a Justiça do Trabalho, e o Pazzianotto, em um discurso, dizia que compreendia aquilo, pelos traumas de família que ele tinha, talvez aquilo se justificasse. [risos] Tem aquela história que ele matou o cunhado e tal. Aí que a coisa azedou. Então começou um movimento terrível para extinguir a Justiça do Trabalho; quando nada, o TST. Porque o Antonio Carlos Magalhães queria pegar o TST. [riso] E nós fizemos um movimento forte. Fizemos cartilha, fizemos um movimento forte. E me lembro uma vez que nós fomos entregar ao Sarney essa cartilha, esse documento, ele perguntou: "E aquela história do Tribunal de São Paulo?" Disse: "Senador, a questão do prédio de São Paulo é do Tribunal de São Paulo, não é do TST. Cada tribunal tem a sua autonomia. Nós só repassávamos o dinheiro. Não éramos nós que administrávamos. Nós não poderíamos intervir." Ele disse: "Mas vocês deveriam ter intervindo, ainda que não pudessem. Não podia ter acontecido aquilo." [riso] Mas houve uma pesquisa, 82% da população votou no sentido de que não se devia extinguir a Justiça do Trabalho.

---

[25] Comissão Parlamentar de Inquérito.
[26] Nicolau dos Santos Neto, condenado por desvio de recursos durante a construção do Fórum Trabalhista de São Paulo.

Christiane Jalles - É. Até porque a Justiça do Trabalho, como o senhor falou lá no início, do homem do campo no Mato Grosso do Sul, a Justiça do Trabalho é muito conhecida pela população. É uma das mais conhecidas.

Vantuil Abdala - Sim, sem dúvida. Uma das coisas que sempre me bati foi manter… Pode ser até uma simbologia hoje. Mas em muitos lugares não é só simbologia, não, é a possibilidade de reclamar os seus direitos independentemente de advogados. Quer dizer, ainda tem até hoje isto, que é uma coisa muito útil. Até hoje, o homem do povo diz: "Vou te por no pau." E ele vai lá mesmo e põe no pau. [riso] Porque ele não precisa de advogado para ir lá. E isso é uma das coisas que distingue a Justiça do Trabalho de outros ramos do Judiciário. Mas do que nós estávamos falando? Sobre o CNJ?

Christiane Jalles - Sobre o CNJ. A sua escolha.

Vantuil Abdala - Sim. Então… É.

Tânia Rangel - No TST, durante a reforma, o senhor chegou a ir à Câmara ou ao Senado?

Vantuil Abdala - Da reforma do Judiciário?

Christiane Jalles - É. Na Câmara.

Vantuil Abdala - Fui, inúmeras vezes, conversar com deputados. Fui. Esteve lá conosco aquele cidadão de São Paulo que foi candidato a senador, que perdeu… Tenho um amigo que foi candidato a vice dele. Vou me lembrar. Aloysio Nunes!

Christiane Jalles - Sim. Aloysio Nunes Ferreira [Filho].

Vantuil Abdala - Ele era relator da reforma do Judiciário na Câmara. Sabe que ele chegou lá no TST, foi me fazer uma visita, falou: "Essa Justiça não tem justificativa para existir mais, não. Precisa acabar. Vocês têm que passar para a Justiça Federal. Por que existe a Justiça do Trabalho? Não tem mais sentido, ficar gastando o dinheiro todo que vocês gastam. Vocês devem ser uma câmara especializada da Justiça Federal." "Mas deputado, há uma outra mentalidade do juiz do Trabalho." Mas então cheguei a ir várias vezes na Câmara, por causa disso. Houve um certo

momento sério, mesmo. Essas coisas no país, você dá uma distraída, qualquer coisa vai de roldão. E houve um momento muito importante da reforma do Judiciário, que pouca gente sabe, que havia um tal de… Já era o governo Lula. Ele tinha criado um tal… Conselho não sei o que do Trabalho, de que participava o pessoal do sindicato, da CUT[27], uma porção de gente. Mas participavam empresários também. Era um conselho grande. Tinha umas 30 pessoas.

Christiane Jalles - Como se fosse conselho de desenvolvimento, não é?

Vantuil Abdala - É. Da área trabalhista. E esse povo estava todo cheio de… Quando vi… Porque a reforma do Judiciário ficou onze anos parada, e de repente deslanchou morro abaixo. Foi aprovada na Câmara, e já estava no Senado para ser aprovada. Quando vi, lá no Senado, eles acabavam com o poder normativo da Justiça do Trabalho. Estava para ser aprovado daquele jeito. Fiquei sabendo que esse povo todo desse Conselho, que estava com a força toda, é que tinha influenciado nesse sentido, então… Eu era o vice-presidente. Mas o Fausto me deixava quase tudo. Ele estava meio adoentado. Fui lá no Jobim, representante do Supremo. Falei: "Ô Jobim, isso aqui é uma loucura. O país não pode ficar sem um meio de solução de conflito coletivo. Uma greve num serviço essencial, sem que haja um meio de solução, o país fica refém. Já imaginou uma greve na eletricidade, uma greve sindical, ou uma greve no transporte? Isso aqui é uma loucura." O [Nelson Azevedo] Jobim ficou me olhando, assustado. Falou: "Vantuil, você coloca isso no papel para mim." Falei: "Coloco." Pus tudo no papel. E daí a dois dias ele me chamou e falou: "Marquei uma reunião no Senado com todos os líderes. Com todos os líderes de todos os partidos. E nós vamos lá." Chegou lá, ele me passou a palavra. "Diga aí, Vantuil." Falei: "Olha. Acho isso aqui uma loucura. Se vocês estão cogitando… Se houver uma greve amanhã, como é que vai acabar essa greve? Como é que o país aguenta?" Ficou todo o mundo olhando… tinha um líder desse conselho do governo, falou: "Não. Nós temos uma emenda constitucional de…" Uma emenda constitucional! Quer dizer, nem tinha aprovado aquela, ia apresentar outra emenda. "Uma outra emenda, que reorganiza o sistema sindical e lá tem todas as somas e solução para isso." "Vocês vão aprovar essa emenda em quanto tempo?" "Não! Três meses." "Três meses, vocês vão aprovar uma emenda constitucional? Essa aqui tem onze anos. Vocês estão achando que vão tirar uma emenda constitucional em três meses? Que seja em seis meses. Pode o país ficar seis meses…? O que é que pode acontecer nesse…? Emenda constitucional, com dois turnos, tem que voltar…" Os líderes, todos experientes, falaram: "É, realmente, não se aprova emenda constitucional…" Era relator um engenheiro. Coisa engraçada no Brasil, não é? Hoje [ele] é ministro do Tribunal de Contas.

[27] Central Única dos Trabalhadores.

Christiane Jalles - José Jorge.

Vantuil Abdala - José Jorge. Foi presidente da CEB, aqui. Eles autorizaram. "José Jorge, vamos manter o poder normativo." Manteve como veio da Câmara, o que já era uma grande evolução no sentido da não intervenção direta e sempre da Justiça do Trabalho. Manteve, que só haveria dissídio coletivo mediante comum acordo das partes, de um modo geral. Nas atividades essenciais, não. Nas atividades essenciais podia haver dissídio coletivo sem que houvesse comum acordo entre as partes. O que já era evolução. Foi aprovado. Está aí, funcionando muito bem. A tal emenda de reforma do sistema sindical chegou até a ser apresentada. Daí a uns seis meses o governo retirou, porque deu uma confusão, deu uma brigalhada. Nem eles se entendiam entre si. O sistema sindical não quer que mude nada. Eles estão satisfeitíssimos com essa situação, porque estão todos nadando em dinheiro, ainda mais depois, com essa história do FAT[28]. Como resolveu o problema das centrais sindicais, já que agora eles também, passaram a pegar uma parte do bolo, ninguém diz uma palavra contra a reforma sindical no país. Está tudo ótimo. Então você não vai mudar coisíssima nenhuma nesse país. Vai ficar tudo assim mesmo. Isso pouca gente sabe, porque essas coisas não… Mas isso foi um dos momentos. E então, criado o Conselho…

Tânia Rangel - Mas a interlocução do TST na Câmara e no Senado, em relação à PEC[29] que deu origem à Emenda 45, é basicamente na questão da Justiça do Trabalho. Ela chega a se manifestar com relação à criação ou não do Conselho?

Vantuil Abdala - Não. É… As AMATRAs, a ANAMATRA[30] tiveram atuação grande, de modo geral, na reforma do Judiciário, principalmente nas questões da competência da Justiça do Trabalho, essa ampliação da competência, houve uma influência grande, debate com deputados, com senadores.

Christiane Jalles - Isso foi maior do que a atuação do TST?

Vantuil Abdala - Foi. O TST não tinha muita atuação corporativa, política de um modo geral, não. Houve uma atuação grande quando se ameaçou extinguir a Justiça do Trabalho, porque o primeiro ameaçado ou o maior ameaçado era o TST. Havia uma hipótese também de não extinguir a Justiça do Trabalho, mas extinguir o TST. E, na reforma do Judiciário, os ministros sempre tiveram e têm ainda muito prurido em intervir nessa coisa. Salvo um contato com um deputado amigo ou com um

[28] Fundo de Amparo ao Trabalhador.
[29] Proposta de Emenda à Constituição.
[30] Associação Nacional dos Magistrados da Justiça do Trabalho.

senador amigo para fazer uma ponderação. Mas ir, assim de peito aberto, não se ia, não. Eu fui, uma vez, também me orgulho, porque fui convidado para ser ouvido quanto à questão da promoção do juiz de carreira para o tribunal. A nossa é a única Justiça que, para ser promovido de Tribunal Regional para o TST, só pode ser desembargador de carreira. No Tribunal, no STJ já não é assim, vocês sabem. Então fui ouvido e bati muito forte sobre essa questão. Agora, de um modo geral, na reforma do Judiciário, não houve uma atuação grande do Tribunal Superior.

Tânia Rangel - E quando o senhor coloca o seu nome como indicado do TST como membro do CNJ, como isso é visto pelos outros ministros do TST?

Vantuil Abdala - Para ir para o CNJ? Veja bem. Ninguém sabia o que era o CNJ, ninguém tinha bem uma noção do que era. Porque tinham sido criados vários órgãos simultaneamente. Com a reforma do Judiciário, tinha sido criado o Conselho Superior da Justiça do Trabalho, e isso tudo caiu no meu colo, eu implantei. Tinha sido criada a Escola Nacional da Magistratura do Trabalho, que também foi criada na minha gestão, e foi criado o Conselho Nacional de Justiça, que era mais um órgão. Então, tínhamos que indicar alguém, rapidamente. Numa reunião, numa mesa como esta, com os ministros, eu disse: "O Tribunal Superior do Trabalho tem que indicar um juiz de primeiro grau, um desembargador e um ministro do TST para compor o CNJ. Eu me disponho a integrar o CNJ como membro do TST. Se os senhores estiverem de acordo, me disponho. Alguém é contra? Permaneçam sentados." [risos] Ninguém foi contra, eu fui. Indicamos os outros dois de primeiro grau e de segundo grau, e fui. Fui, na melhor das intenções. Na melhor das intenções. Que eu achava, em primeiro lugar, que eu achava que era um prestigiamento para o órgão. E do STJ era o [Antônio de] Pádua [Ribeiro], que já tinha sido o presidente, que era o decano, que era um ministro de toda respeitabilidade. Por outro lado, eu tinha assim uma segunda intenção, que o CNJ tivesse como diretriz primeira o fortalecimento da magistratura, a independência do Poder Judiciário, a autonomia do magistrado. Isso é uma coisa que muito me preocupou e me preocupa até hoje. Acho que o cidadão tem que ter confiança no seu Poder Judiciário. E creio que isso é fundamental. E fui mais para isso. E tive uma atuação forte nesse sentido. Porque, infelizmente, ele foi criado com outra mentalidade: queria-se sangue. Havia uma sanha. A tal ponto que o ministro Jobim me disse: "Vantuil, nós temos que dar logo umas duas ou três bordoadas para a imprensa noticiar isso. Depois a gente vai mais nessa linha que você está querendo." Que era essa linha de aperfeiçoamento da magistratura, fortalecimento da magistratura. Quer dizer, uma atuação organizacional, uma atuação de estratégia, menos com essa preocupação punitiva, disciplinar. Porque começaram a chover milhares de denúncias, bobagens, briguinhas entre comadres. E aquele pessoal, encantado com o poder, começou a assumir aquilo tudo. Isso é espaço de poder, então… "Não, vamos decidir isso

aqui também. Não.” “Mas gente, vocês estão vendo que nós estamos perdendo tempo, aqui? Tanta coisa importante para se fazer, vocês vão ficar se preocupando com isso?” Me lembro uma vez que teve um caso lá da… aqui, do Tribunal Regional Federal, esse, aliás, que hoje é até membro, coincidentemente, é conselheiro. Um tal de Tourinho. Fez uma denúncia por que havia uma eleição para ser o diretor da Escola da Magistratura deles e ele era o mais antigo, ele se entendia com direito de ser, e foi eleito um outro. E não havia nada, não havia regimento. Mesmo que houvesse. O CNJ não tinha nada a ver com isso. De repente, estou lá na sessão, tem um processo. E um discute meia hora. Chegou minha vez, falei: “Vocês viram o que vocês estão discutindo? O que é que nós temos com isso? O que é que o CNJ…? O CNJ existe para isso, para resolver um problema interno, quem que deve ser diretor lá da Escola da Magistratura, se o regimento interno diz que é?… Isso é problema que eles têm que resolver lá, internamente!”

Christiane Jalles - Nesse sentido, esse primeiro ano foi um ano muito importante, porque é exatamente isso que o senhor está falando, é o ano das estruturações.

Vantuil Abdala - Sim, sem dúvida.

Christiane Jalles - Um pouco da estruturação e de “para aonde nós vamos”. Tenho uma pergunta para o senhor. Como eram as comissões? Como eram alocados nas comissões, como era o funcionamento das comissões? Vocês chegaram a discutir as regras, os procedimentos, de como seria a atuação do Conselho?

Vantuil Abdala - Veja. Os primeiros seis, oito meses foram de elaboração do regimento interno, pois não havia nada. Imagine elaborar toda uma regulamentação partindo do nada. Porque nunca existiu no país um Conselho Nacional de Justiça.

Christiane Jalles - E todos discutiram o regimento interno?

Vantuil Abdala - Todos. Quem fez um trabalho muito bom, inicial, de um projeto, foi o Paulo Schmidt, que era gaúcho, bem ligado ao Jobim e muito ligado a essa questão de elaboração de regimento. Ele ia fazendo por partes, nos passando, e nós íamos palpitando, votando por parte. O Jobim era muito hábil na condução da coisa. Isso ajudou muito, não é? E, naquela sua habilidade, nós fazíamos uma coisa que o Supremo devia ter feito muito nessa coisa do mensalão. Tem certas coisas que você decide internamente, particularmente. Que quando você coloca a toga, muda de figura, você passa a ser o doutor, o magistrado. Agora, quando você está conversando, numa

mesinha redonda, tomando um café… “O que é que você acha? Será que nós não podíamos fazer assim, e tal?” Quer dizer, nós já levávamos muitas coisas acertadas lá para dentro. Quando íamos votar já estava tudo acertado.

Christiane Jalles - E isso acontecia no próprio CNJ? Ou era…

Vantuil Abdala - Na antessala da sala de audiência.

Tânia Rangel - E o senhor se lembra de alguns casos que foram decididos assim?

Vantuil Abdala - Lembro muitos. Lembro muitos.

Christiane Jalles - Nos dê dois exemplos.

Vantuil Abdala - Por exemplo. Teve um caso, que foi dos mais graves, que o Antônio Carlos Magalhães fez um discurso da tribuna contra o Pádua, que era o corregedor, dizendo que o Pádua era um engavetador. Que lá na Bahia ele não tomou as providências devidas quanto à coisa que estava lá. E então, o que é que fazia? O Pádua já queria abrir um processo. Então nós sentamos e resolvemos, ali, que primeiro ia um intermediário conversar com o Antônio Carlos Magalhães, explicar as coisas, que não era…

Tânia Rangel - E quem participava dessas reuniões? Eram todos os conselheiros ou só alguns?

Vantuil Abdala - Não. Todos os conselheiros, inclusive o ministro Jobim, que presidia inclusive a reunião administrativa. Nós chamávamos isso de reunião administrativa. E era ótimo! E muitas vezes nós… Já era uma cultura que eu trazia, por exemplo, do meu Tribunal. Nós fazíamos isso inúmeras vezes. Quando entrávamos na sala, já estava tudo resolvido. Agora, o Supremo, por exemplo, criou um clima tal, ali, que acho que nem tem condição de fazer isso. Mas aquela dosimetria, aquilo não era para ficar ali em público, vai e volta, que isso cria uma impressão terrível. Se nem esse povo sabe, como é que é? Não. Acerta a coisa antes. Depois, quando você chega lá… Até porque ali você tem muito mais oportunidade de meditar, você ouve… Então…

Tânia Rangel - E um outro caso que também tenha sido resolvido em reunião administrativa?

Vantuil Abdala - Deixe ver se me lembro de algum outro caso que tenha sido resolvido… Sim. Teve uma intervenção, se faria ou não, no Tribunal… não sei se de Rondônia… no Tribunal de Justiça de Rondônia. Se nós faríamos ou não a intervenção. Se afastaríamos ou não o presidente do Tribunal. Então isto foi… Ah, sim! E outro caso extremamente debatido foi a questão da Operação Furacão.

Christiane Jalles - O senhor fez parte da sindicância.

Vantuil Abdala - Pois é. O ministro Pádua abriu a sindicância, achei até que precipitadamente… Ele abriu o processo, como corregedor. Só que ele abriu e, em seguida, deu-se por suspeito. Já era a ministra Ellen [Gracie Northfleet]. A ministra Ellen me liga e diz: "Olha, Vantuil, você que vai ter que assumir como relator."

Christiane Jalles - Por que você vai ter que assumir?

Vantuil Abdala - Porque ia ser julgado um ministro, e ela achava que não ficava bem que… O processo tem que ser relatado, instruído. Era o [Paulo Geraldo de Oliveira] Medina, um ministro do STJ, envolvido. E que não ficava bem alguém inferior… E eu disse: "Presidente. Está envolvido nesse processo o doutor José Eduardo Carreira Alvim, que é meu colega de turma e com quem eu tinha muita ligação na faculdade. Um rapaz que nós tínhamos muito dó, era órfão, nós o ajudávamos muito. E fico muito desconfortável de atuar nesse processo." "Não tem jeito, Vantuil, tem que ser você." [riso] Falei: "Bem. Isso é ordem de superior hierárquico. Não tem jeito." Mas aquilo… aquilo demorou. E eles alegaram a minha suspeição quando foi rejeitado. E cheguei a tomar algumas providências, pedir documentação ao Supremo, e receber os advogados das partes. Mas logo depois chegou o final do meu mandato, que foi em junho. Uma coisa que acho errada ali. Acho que cada um que assumisse deveria cumprir o mandato de dois anos. Se ele não vai, não pode cumprir porque ele vai ser corregedor, vai ser presidente, ele nem devia aceitar. Ele devia cumprir o mandato de dois anos. Uma outra coisa. Se a Câmara, como está fazendo numa consideração terrível ao CNJ, não indica na época oportuna o seu membro, ele não deveria ter mandato diverso dos outros. Ou seja, demorou a indicar, demorou seis meses, ele só cumpre um ano e meio. Acho que o mandato deveria, como foi o nosso, iniciar em junho, terminar em junho daí a dois anos. É um despropósito você ficar com membros, cada um entra numa data, já pega o bonde andando. Aquilo, você não está sabendo o que é, o que está acontecendo então. E acho que a Câmara não tem tido o respeito, a consideração… Porque teve um ano que demorou uns oito ou dez meses para indicar! Agora indicou até adiantado. Também por interesse político, não é? Se quis indicar um

candidato, [riso] indicou com seis meses de antecedência. O que também… Essas coisas do nosso país. Quer dizer… Então, precisa levar a sério, mais a sério, esse CNJ. Ele é um órgão extremamente importante. Acho que a Ordem dos Advogados precisa levar a sério, indicar gente efetivamente representativa e competente, e também os outros órgãos, principalmente a Câmara dos Deputados, o Senado, indicar gente que mereça estar ali, que tenha uma colaboração a fazer, que tenha uma independência. Creio que a fase pior do CNJ já passou.

Christiane Jalles - Qual foi?

Vantuil Abdala - A fase mais difícil foram os dois primeiros anos, que é a fase de implantação, como é lógico. Você…

Tânia Rangel - O senhor recebia processos? Como era o dia a dia ali no CNJ? Havia essas reuniões administrativas…

Vantuil Abdala - Tinha. Tinha. E eu recebia todo dia. E havia sessão de julgamento todos os dias.

Tânia Rangel - Terça-feira só, não?

Vantuil Abdala - Não todos os dias. Desculpe. Toda semana. E eu relatava processo. E não me afastei da presidência do TST. Ocupei simultaneamente a presidência do TST, embora apenas durante uns meses, porque quando acabou a minha presidência do TST eu ainda tive alguns meses como membro do CNJ. Mas a gente julgava diariamente as questões. E eu sempre com esta linha de fortalecimento da independência do Poder Judiciário, de mais medidas estratégicas, organizacionais, do que o poder disciplinar. Embora, quando houvesse coisas graves, eu era completamente favorável à atuação firme do CNJ. Mas aquilo que foi levado ao Supremo, que eles ficaram atrapalhados com aquilo, eu sempre achava: os tribunais têm a Corregedoria, cada tribunal tem a sua Corregedoria, que tem a competência legal do poder disciplinar sobre os seus juízes. De tal maneira que acho que, primeiro, deveria passar por lá. Se não atuar, aí sim, o CNJ tem a competência para avocar. Porque se o CNJ for mexer com toda essa miudeza, ele não faz mais nada. E tem coisas muito mais importantes a fazer. E já fez coisas belíssimas, importantíssimas. Na área, por exemplo, das prisões, houve coisas importantíssimas que o CNJ fez.

Tânia Rangel - Na primeira gestão, o que o senhor acha que foi mais marcante, que o CNJ tenha feito?

Vantuil Abdala - Bem. Sem dúvida, o mais marcante foi a questão do nepotismo. O que deu maior repercussão de mídia… E tive certa reserva quanto àquilo.

Christiane Jalles - E continua com a mesma opinião?

Vantuil Abdala - Tenho a mesma opinião: que o nepotismo é um malefício, não pode e não deve. Com o *modus paciente*[31] é que eu tenho dúvida. Acho que isso deveria se dar através de uma lei genérica para todas as áreas públicas. Vocês sabem que nas outras áreas públicas não está acontecendo nada. É a mesmíssima coisa. Município, estado, também na União. Então, quer dizer, usou-se como bode expiatório o Judiciário. E acho que o CNJ não tinha o poder legal de fazer isso. Tanto que a matéria chegou ao Supremo e teve votos contra. O CNJ tem o poder de dizer até quando, até que grau de parentesco? Terceiro grau, pode ou não pode? Vai até o terceiro grau. É o CNJ que tem competência legal para dizer isso? Agora, o que aconteceu? O CNJ aprovou. Sabe o que aconteceu? Durante o ano seguinte inteiro, noventa por cento do CNJ se ocupou disso. Porque houve recurso de todas as maneiras. "Ah. É cunhado de fulano, é cunhado de…" Você está compreendendo? Então, o primeiro ano, que ele devia, lógico, mexer em condição que interessa a todo o povo, que é o bom funcionamento do Judiciário, ficou noventa por cento mexendo com aquilo. Quase todo processo que eu ia julgar era isso. "A tia do fulano entrou antes que o padrinho…" Essa coisa e tal.

Christiane Jalles - No segundo ano isso diminuiu? Essa avalanche de questões disciplinares, ou não?

Vantuil Abdala - Olha. Continuou sendo a tônica. Já ao final do segundo ano é que foram criadas… Porque não havia as comissões. Foram criadas algumas comissões temáticas, que já passaram a cuidar mais de outras coisas que não esta miudeza do dia a dia.

Christiane Jalles - O senhor se lembra quais eram as comissões temáticas?

Vantuil Abdala - Não, não me lembro mais.

Christiane Jalles - O senhor chegou a participar de alguma?

---

[31] O entrevistado quis dizer modus operandi.

Vantuil Abdala - Não, de nenhuma. O Jobim me tinha como… Depois, ele até falou… Uma vez, a Ellen me falou: "O Jobim falou: olha, você se ampara no ministro Vantuil, que ele é de confiança para você trocar ideias com ele." E eu ajudava muito o Jobim nas coisas. Virava e mexia, ele: "Olha, Vantuil, conversa com o pessoal sobre isso para mim. Sente como é que vai ser." E por eu ser o presidente do TST também, em exercício, evitava me colocar ou me sobrecarregar. Então não participei de comissão nenhuma. Mas foi bem assim, já na segunda metade do segundo ano é que achei que começou a entrar um pouco mais nos trilhos, para cuidar de algumas coisas mais de estratégia do Poder Judiciário, mais organizacionais, mais efetivas no sentido da prestação jurisdicional, e menos desse caráter disciplinar ou dessa coisa do nepotismo.

Tânia Rangel - Tenho uma pergunta. Voltando só um pouquinho no tempo. A escolha dos juízes trabalhistas de primeira e segunda instâncias, como ela aconteceu, no TST? Chegava alguma lista para vocês?

Vantuil Abdala - Aconteceu como sempre acontece. Uma livre escolha. Nós oficiávamos aos tribunais, inclusive às AMATRAs, para ver quem que se dispunha. Mas isso não era, digamos, vinculativo. Não quer dizer que a escolha só devesse recair sobre isso, não. E nem funciona muito, isto. O que funciona mais é uma avaliação que cada ministro já tem. Então, ele chega e diz: "Olha, conheço fulano que é de tal regional, trabalha muito bem, é muito ponderado, tem muito bom senso, e já me disse que gostaria de vir." Outro apresenta outro nome. Então se passa a fazer uma avaliação. É algo mais ou menos assim. Não há muita regra fixa, não. Acho que temos sido até felizes lá, com a indicação.

Christiane Jalles - Como era a rotina no CNJ nessa primeira gestão? O senhor ia para lá quais dias?

Vantuil Abdala - Eu ia quase todo dia, porque do TST lá é muito perto. O pessoal que morava fora é que pouco vinha. Os outros. Que todos os outros moravam fora! Então eles vinham, praticamente, no dia da sessão ou no dia anterior. Às vezes encontravam a coisa um pouco tumultuada. Não tinha assessor nenhum. Nenhum. Depois de uns três meses tinha lá um ou dois assessores, para todos. Então, realmente, era muito dificultoso.

Tânia Rangel - O senhor tinha uma sala, pelo menos, privativa?

Vantuil Abdala - Nada. Não tinha sala, não. Depois de uns seis, sete ou oito meses é que eles fizeram quatro salinhas. Mas como nós éramos muito mais, então a salinha seria ocupada por dois ou três. Um se levantava e o outro entrava. Não, não…

Christiane Jalles - Havia algum sistema de informática para os processos? Eles já chegavam informatizados?

Vantuil Abdala - Nada! Chegavam, nada! Chegava era aquela pilha. Chegava: "Esse é para você, esse é para você, esse é para você."

Christiane Jalles - E essa distribuição? Esse vai para você, esse vai para você. Como era feito?

Vantuil Abdala - Chegou um. Você está aqui sentado, você é o primeiro, toma o primeiro. Chegou o segundo, entrou o segundo… Não havia critério nenhum, não havia regra nenhuma. Era assim.

Christiane Jalles - Isso tudo foi regulamentado com o regimento interno?

Vantuil Abdala - Tudo. Tudo, depois.

Christiane Jalles - Houve conflitos durante a elaboração do regimento interno? Alguma questão, assim, houve mais debate?

Vantuil Abdala - Houve. Bom. Certas coisas… Uma delas por exemplo… O ser humano muitas vezes se discute por coisas que… Quem que iria substituir o presidente na sua ausência. Porque não era o vice àquela época. Depois foi mudada a Constituição. Naturalmente, o ministro Jobim pedia ao Pádua para substituí-lo. E na ausência do Pádua, o ministro Jobim pediu para eu substituir. Então substituí inúmeras vezes. Eu já tinha larga experiência em presidir. Mas uma das coisas que não se queria era isso. Todo mundo queria presidir. [riso] Mas o Jobim aguentou as pontas, firme, não deixou.

Tânia Rangel - E a ministra Ellen?

Vantuil Abdala - A ministra Ellen foi ótima. Muito tranquila. Eu a peguei não durante muito tempo, talvez durante uns oito meses. Mas foi muito tranquilo. Também continuou com esse sistema. Depois, soube que houve…

Christiane Jalles - Esse tema do nepotismo?

Vantuil Abdala - Não. Continuou com esse sistema de fazer a reunião prévia. Essa questão do nepotismo, embora eu já estivesse afastado, sei que continuou dando trabalho ainda por meses. Digo, a Ellen já, naturalmente, tendo conversado com o ministro Jobim, ela continuou muito nesse sistema de fazer as reuniões. E sei que foi muito tranquila a gestão dela. Depois, eu soube que o ambiente ficou mais difícil, mais carregado no seio do CNJ. Na minha época era mais tranquilo um pouco.

Tânia Rangel - Como era a relação com os conselheiros?

Vantuil Abdala - De um modo geral, muito boa. Eu me lembro, quando encerrou o nosso mandato, nós fizemos um jantar de confraternização. Quem de vez em quando dava uma coisa… Tinha um tal de Lobo, que era de Maceió, que era da Ordem, que era meio espaventado, sabe? Aquele menino que era da Fundação Getúlio Vargas, ele fazia uns votos muito compridos. Mas depois ele não sabia se estava dando por meio lá de um, porque ele não tinha prática de decidir. Ele tinha… Fazia uns votos muito bonitos… Como é que ele chama, aquele da Fundação Getúlio Vargas?

Christiane Jalles - Joaquim [de Arruda] Falcão [Neto]?

Vantuil Abdala - Joaquim Falcão. Joaquim Falcão fazia uns votos lindos. Só que a questão no âmbito… E quanto ao argumento assim, assim? Ah, mas isso para entender… Esse é o argumento principal. Ele fazia uns votos assim, que… E isto é uma grande dificuldade, porque… É uma coisa muito interessante. É uma coisa difícil, órgão colegiado. É uma coisa delicada o órgão colegiado. E, normalmente, está compondo o CNJ quem não tem vivência de órgão colegiado. Então vêm dois elementos do Ministério Público, que nunca pertenceram a órgão colegiado. Ministério Público Estadual, Ministério Público Federal, vêm dois da Ordem, que nunca pertenceram a órgão colegiado, e vêm dois do Parlamento, que nunca pertenceram a órgão colegiado, então… [riso]

Tânia Rangel - Ainda tem a magistratura da Primeira Instância.

Vantuil Abdala - Da Primeira Instância também. Então fica algo meio tumultuado. De repente está todo mundo falando de uma vez só, está todo mundo falando junto. E esse negócio de decidir, também você tem que ter uma determinada experiência quanto a isso. Porque às vezes você faz um

voto lindo, mas você acaba não decidindo a essência da coisa, aquilo que é a essência. Então, e sei isso e continuo ouvindo de colegas, isso é uma dificuldade. Porque perde-se muito tempo lendo aquele voto muito longo, não havia necessidade daquilo. E soube também que houve momentos desagradáveis, de atrito, de divergência.

Christiane Jalles - Quando o senhor estava lá ou posteriormente?

Vantuil Abdala - Na minha época não houve, não. Quem mais era bravo lá era eu mesmo. O Jobim diz que quando eu batia na mesa… [riso] o pessoal… Algumas vezes fiquei bravo mesmo, que eu achava que havia certos exageros, muita bobagem. Eu me lembro uma vez que bati na mesa muito firme, mudou a votação. [risos] Eles falavam que quando eu batia na mesa os dois outros da Justiça do Trabalho mudavam o voto. Nesse dia eles mudaram mesmo. Mas foi pura coincidência. Aliás, quem estava presidindo era o Gilmar. Não sei por que o Gilmar estava, aquele dia. Ele até falou no final: "Isso aqui está parecendo um gulag." O Tribunal de Justiça de São Paulo reuniu os 20 desembargadores, que era um órgão especial, e depois de estudos, que vinham fazendo há tempos, resolveram mudar o foro de Santo Amaro, o foro criminal, para a Barra Funda. Por questão de segurança. E estudo. Os promotores que atuavam lá, que já moravam lá perto, fizeram um movimento, pegaram abaixo assinado da vizinhança, do dono da padaria, tal, tal, e vieram aqui e conversaram… Conversaram com aquele Alexandre [de Moraes], lá de São Paulo, que tem um livro de Constitucional… Cheguei lá, eles estavam votando. "Ah, não. Vamos proibir o Tribunal de São Paulo de mudar a sede." Quando chegou a minha vez, falei: "O quê?! Vocês estão vendo o que vocês estão votando? Que é que o CNJ tem que se meter numa decisão do Tribunal de Justiça, estudada e debatida? Os 25 desembargadores, a unanimidade aprova a mudança. Qual é o poder do CNJ para intervir nisso?" E todo mundo arregalou o olho, ficou aquela confusão. [riso] O Gilmar, nem era a vez de ele votar, falou: "Isso aqui está parecendo um gulag. O que é que vocês têm que intervir num negócio desse? É um tremendo despropósito." O Amauri, que estava se encaminhando nesse sentido, os dois da Justiça do Trabalho, mudaram o voto. Os promotores assistindo. Por interesse pessoal dos promotores, porque moravam lá perto há muitos anos. Tinham vindo, conversado com cada conselheiro, entregue lá um trabalho, não sei o quê. [riso] Então, a maioria mudou o voto e os promotores perderam, e saíram por conta. Depois, o presidente do Tribunal de Justiça veio me agradecer, falou: "Nós íamos perder aquilo mas, para nós, ia ser um drama essa questão." O fórum não tinha segurança, negócio de criminoso, tinha que levar um à cela… Então houve muito isso nesta fase inicial, essa questão de não ter uma definição de onde o Conselho deveria entrar ou não, onde ele deveria atuar ou não. Como veio uma avalanche… O órgão abriu de repente, então veio uma avalanche de denúncias dessas coisas. Tudo aquilo que estava meio

represado, a imprensa noticiou: “Está abrindo um órgão que é coisa e tal…” “Ah! Ótimo.” Então mandavam para lá aquela quantidade de coisa. Agora, de qualquer maneira, vejo com bons olhos, não me arrependo de ter ido, no sentido de que acho importante ter participado, historicamente, dos primeiros momentos de um órgão. O que defendi era que esse órgão… antes da criação, e eu era favorável à criação, sem elemento externo. Com membros do Ministério Público, mas sem elementos do parlamento. Até hoje não vejo sentido nisso, não. Até porque é natural, eles são políticos. Eles não têm critério na escolha, a não ser por interesse político. Como nós vimos nessa última, recentemente.

Christiane Jalles - O senhor acha que o CNJ vem cumprindo o seu papel?

Vantuil Abdala - Acho que fez coisas importantíssimas, está fazendo coisas importantíssimas e pode fazer coisas muito mais importantes.

Christiane Jalles - Por exemplo.

Vantuil Abdala - Nessa área de penitenciária foi uma coisa de doido. Por exemplo, quando passou, veio a lei do divórcio em cartório, a separação em cartório, ninguém sabia como fazia aquilo. Baixamos uma resolução, aquilo passou a funcionar que foi uma maravilha. Todo cartório… Hoje o cidadão vai lá, em meia hora sai com aquilo pronto. Se não fazem aquilo, pronto. Os próprios concursos em cartório. Só os tribunais de justiça passaram a fazer por pressão do CNJ, porque senão aquilo não saía. Havia uma pressão muito forte dos cartorários, donos do cartório, nos tribunais de justiça. Agora digo uma coisa que me preocupa até hoje: é a independência, a autonomia dos tribunais de justiça estaduais. Acho muito perigosa a influência do poder local nos tribunais de justiça por esses estados do país. É o governador que escolhe, é o governador que nomeia, é o governador que dá dinheiro, e então junta toda essa força acumulada. De maneira que acho que isto é uma coisa, ainda, que precisa ser aperfeiçoada.

Christiane Jalles - O senhor acha que o CNJ deveria atuar?

Vantuil Abdala - Acho que ele deveria cuidar de todas essas coisas que dizem respeito a uma verdadeira autonomia, verdadeira independência do Poder Judiciário. Vocês se lembram daquele episódio de O moleiro de Sans-Souci. Quando o imperador vem comprando as terras todas que havia na região e o moleiro não quis vender o sitiozinho dele. E ele mandou dizer que oferecia o dobro do valor das terras. E o moleiro disse: “Não, não quero vender. Minhas terrinhas aqui não

vendo, não.” E o imperador mandou chamá-lo. E, por mais que oferecesse, o moleiro dizia: “Olha, não vendo, não quero vender, não.” Não quis vender. “Mas o senhor sabe que posso tomar essas terras?” Ele disse: “Mas ainda há juízes em Berlim.” [riso] Então, é preciso que o próprio homem do povo saiba que há juízes capazes de enfrentar o imperador. E nisso é que reside a confiança do Poder Judiciário. Nisso é que espero que o STJ atue, nesse sentido.

Christiane Jalles - CNJ.

Vantuil Abdala - O CNJ atue nesse sentido. Da independência, da autonomia. Porque a gente pensa que há; mas nem sempre há, em muitas coisas.

Christiane Jalles - Só para finalizar. O senhor sai em 2007 do CNJ, continua no TST. Em 2010, o senhor se aposenta. É isso?

Vantuil Abdala - Isso.

Christiane Jalles - Antes do tempo?

Vantuil Abdala - Foi.

Christiane Jalles - Por quê?

Vantuil Abdala - Bem. É aquela sensação de missão cumprida. Já tendo ocupado todos os cargos da magistratura e… e tendo aquele sentimento de já ter dado a minha colaboração. Junte-se a isso a circunstância de que sempre gostei muito da advocacia, do desafio da advocacia. É outro tipo de atividade. Embora dentro da área jurídica. Mas o advogado, ele tem que criar. O juiz, ele sempre, normalmente, decide entre as duas teses que lhe vêm, que lhe são apresentadas. Mas o advogado, ele tem que criar. Tenho um encantamento por essa atuação, digamos, intelectual, da advocacia. E, para fazer isso, eu devia sair quando tinha forças para isso ainda. Naturalmente, quanto mais velho você está, mais dificuldade. Então resolvi. Também tinha vontade de escrever, como tenho ainda. Sempre tive muito gosto pelo magistério. Hoje, dou aula no doutorado do IEB[32]. Sempre tive muito gosto por palestras, tive muito gosto pela comunicação. Então pretendia fazer mais isso. Embora a advocacia hoje esteja me absorvendo muito mais do que eu queria. Mas pretendo, ainda, escrever mais, participar mais. E saí, digamos, com toda a alegria de uma missão cumprida, com um

[32] Instituto de Estudos Brasileiros.

relacionamento ótimo com todos os colegas… sem ter deixado nenhum arrependimento para trás, nenhuma mágoa. Pelo contrário, só deixei amigos. E vejo, hoje, com muito carinho, olhando para trás. Então, embora tenha sido para mim muito difícil, achei que tinha chegado a hora, que era um bom momento para partir para outra. E parti imediatamente. No dia seguinte a que me aposentei, eu já estava sentado aqui trabalhando. Sabia que eu devia fazer isso, para não perder o embalo. Que, normalmente, se aposenta, vai ficar uns dois, três meses na Europa, não sei o quê. Falei: "Se ocorrer isto, quem sabe eu goste de ficar à toa, não vá trabalhar." [risos] Não. Eu quero… E vim logo no embalo. Falei: "Depois vou ter muito tempo para descansar, para viajar." E vim no embalo. E estou muito satisfeito. Foi tudo muito bom. Creio que fiz aquilo que de melhor podia fazer nas circunstâncias, mesmo. Acho que… fui sempre favorável à renovação. Acho que isso areja mesmo o Tribunal, vir gente nova. Acho que quem já cumpriu a sua missão está de bom tamanho, vamos em frente. O mundo está girando, e é assim mesmo esse processo. Então saí de lá, com o coração partido por me afastar… O magistrado tem uma vida muito reclusa. Os meus amigos eram aqueles que estavam ali. Tive sempre, assim, um prurido de ter relacionamentos fora. Achava que aquilo podia não ser bom para minha magistratura. Então os meus amigos estavam ali. Então é aquela sensação de separação. Mas foi bom, porque vieram para cá mais dois ex-aposentados, depois veio um outro desembargador, então a gente continua tomando cafezinho, batendo papo, da mesma forma. E, de vez em quando, vêm até alguns colegas aqui. Não há problema nenhum. De tal maneira que continuo feliz como fui feliz lá. Que mais?

Christiane Jalles - Estou satisfeitíssima.

Tânia Rangel - É. Também estou.

Vantuil Abdala - Falei mais do que devia.

Christiane Jalles - Não. Foi ótimo.

Vantuil Abdala - Mas vocês são tão simpáticas, a gente começa a se achar em casa e começa a falar da…

Christiane Jalles - Que bom. Esse é o objetivo.

Vantuil Abdala - Começa a falar as coisas do coração.